

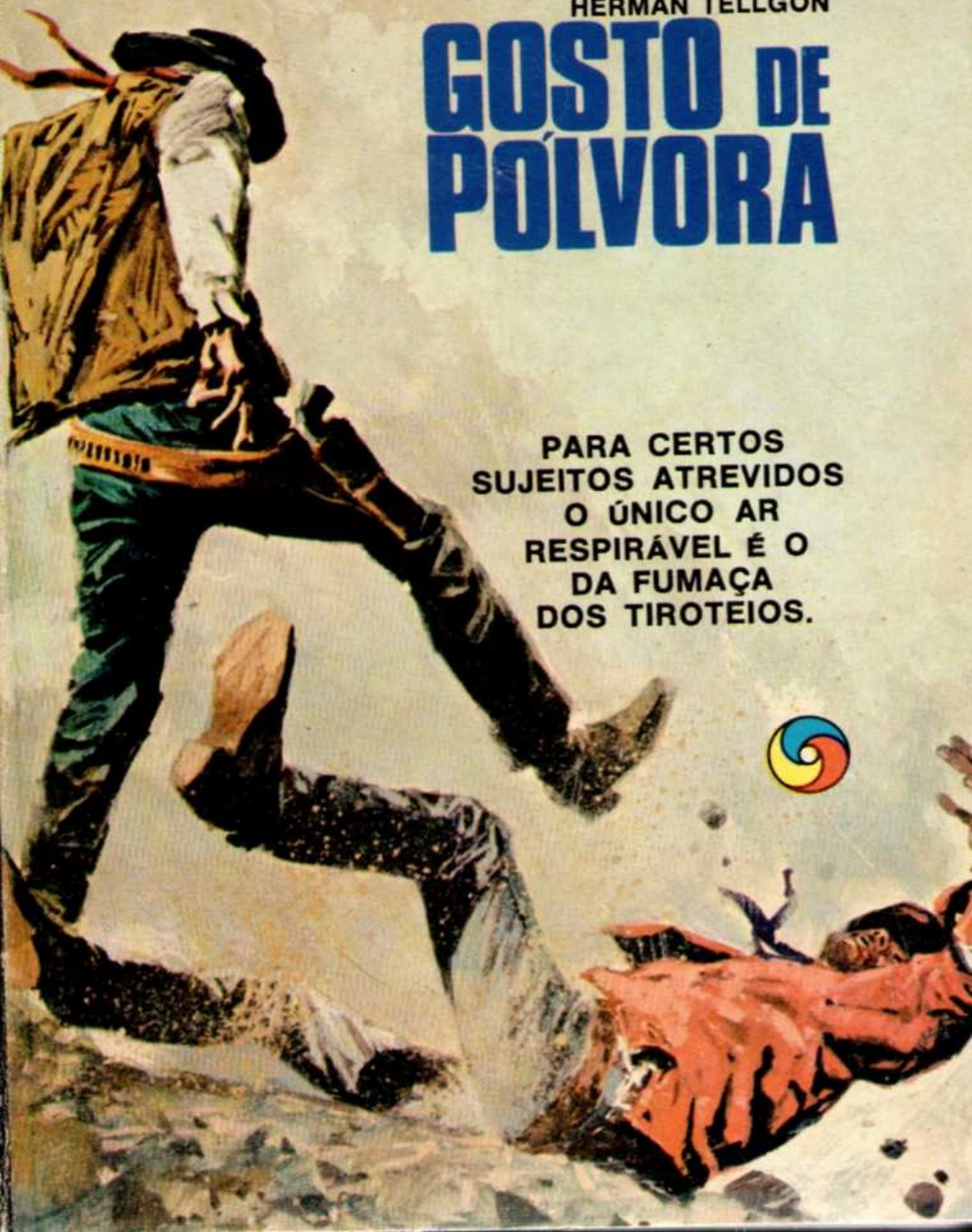
Cr\$ 4,00

**TIROTEIO**

HERMAN TELLGON

# GOSTO DE PÓLVORA

PARA CERTOS  
SUJEITOS ATREVIDOS  
O ÚNICO AR  
RESPIRÁVEL É O  
DA FUMAÇA  
DOS TIROTEIOS.



# ***Gosto de Pólvora***

**Herman Tellgon**

Ben era um garoto de 16 anos que estava apaixonado por uma garota da vizinhança. Ao se deparar com a cena em que ela estava sendo atacada por malfeitores a salva. Após o ataque ela morre a caminho do médico.

Após isso ele e a família são atacados a noite por mais malfeitores e ele os enfrenta e mata todos. Para não deixar os pais em perigo ele vai embora .Se veste sempre de preto e se torna o melhor pistoleiro daquelas bandas, enfrenta muitos perigos e encontra uma mulher que vai compartilhar sua vida.

## ***FOI ASSIM QUE ELE SURGIU***

Aquela manhã estava especialmente agradável.

O vento soprara muito forte durante toda a noite, levando para bem longe as nuvens plúmbeas que se haviam formado, na véspera, como presságio de forte temporal.

As violentas lufadas haviam castigado de rijo as árvores mais altas da região, quebrando os galhos de muitas delas, motivo pelo qual a atmosfera se enchera ao amanhecer do agradável odor de pinheiro.

Difícilmente se poderia explicar como os robins — as corruíras americanas —, além de conseguirem escapar à fúria dos ventos, ainda se animavam a chilrear alegremente. Era quase certo terem passado a noite sob os beirais da cabana de troncos e no alpendre, porém, mesmo assim não se concebia como os seus corpinhos leves haviam resistido à ventania. Coisas da natureza.

As primeiras luzes do amanhecer chegam devagar aos troncos dos maciços arbóreos, criando sob as árvores uma claridade acinzentada muito parecida com a do entardecer.

Nascido naquela cabana, desde pequeno Ben se acostumara a testemunhar da janela que ficava sobre a sua cama beliche o espetáculo maravilhoso do nascer de um novo dia. Sua mãe esbravejava, chamando-o para tomar a primeira refeição com o

pai antes deste sair para o trabalho com os demais lenhadores daquela área, porém ele nem sequer ouvia os seus gritos, embevecido na contemplação da natureza em festa.

Naquela manhã especialmente agradável Ben, agora com dezesseis anos, despertando para a puberdade, tinha um motivo adicional para não se afastar da janela: ver alguém passar a caminho da escolinha paroquial situada a quase duas milhas dali.

Jeannie Broadhurst era uma garota ruiva e sardenta da sua idade, filha de imigrantes escoceses recém-fixados naquele lugar. Sua casinha, também de troncos mas de estilo europeu, ficava perto da cabana de Ben, pelo Leste, o que obrigava a menina a seguir a picada bem diante da janela para chegar à escola.

A pequena escocesa usava sapatos de entrada baixa, um aventalzinho branco, um xale de rendas

aos ombros e, o que mais encantava Ben, duas tranças bem grossas terminadas em laços escandalosos. Caminhava saltitante e por vezes dava umas corridinhas atrás de esquilos que fugiam assustados. Então, ria com a pureza de seus dezesseis anos, fazendo o coração jovem de Ben dar pinotes.

— Beeeenn! — gritou mistress Lassing, furiosa. — Diabo de menino preguiçoso! Não vai ser nunca igual ao pai, que desperta antes do sol para trabalhar! Venha logo, ou ficará sem comer até a hora do almoço, para aprender a ser gente!

Claro que ele teria saído do quarto correndo, porque era muito guloso e o pior castigo para ele seria ficar sem o café da manhã com pão de centeio e toucinho defumado. Mas naquele

instante a advertência materna lhe entrou por um ouvido e saiu pelo outro, porque Jeannie acabara de surgir dentro do seu ângulo visual e por nada deste mundo ele perderia o encanto de vê-la passar.

Foi uma alegria fugaz, porque, certamente atrasada para a aula, Jeannie passou quase correndo e num instante desapareceu por entre as árvores.

Ben deu um suspiro, irremediavelmente apaixonado!

Saiu do quarto e sentou-se à mesa, depois de beijar a mãe e tomar a bênção ao pai, homem com músculos de aço e feições bondosas que comia com a voracidade dos que despendem muito esforço físico e apenas se limitou a grunhir em resposta.

— É por sua culpa que esse menino vai virar um vadio! — protestou mistress Lassing, dirigindo-se ao



marido. — Eu me esguelo tentando endireitá-lo e você não move uma palha no sentido de consertá-lo! Se fosse uma menina eu saberia educá-la, mas...! — interrompeu-se, colocando diante do filho a caneca de café e um prato com toucinho de fumeiro frito. — O pão está aí.. . — rosnou. — E pretende que eu corte em fatias para lhe dar de comer na boquinha, como se ainda fosse um bebê? Esse tempo já passou, meu filho. Agora, toca a trabalhar. Homem é para isso... — novo olhar significativo para o marido.

O hercúleo Benjamin Lassing simplesmente ignorou o mau humor da esposa. Já estava acostumado. Na verdade, os dois se haviam conhecido por causa do temperamento de Myriam. Ele tropeçara inadvertidamente em seus pés ao entrar numa diligência, recebendo a

maior descompostura de sua vida, a despeito de se desculpar.

"É de uma mulher assim que eu preciso. ..", pensara Benjamin, jurando a si mesmo conquistar a jovem intempestiva. "Mulher delicada não serve para casar com lenhador".

A viagem na diligência foi marcada pela animosidade entre ambos, porém, ao terminar, os dois já se sorriam discretamente, porque ela também gostava de gente rude.

Casaram-se pouco depois e Benjamin construiu com as próprias mãos a sólida cabana de troncos onde, nove meses depois, Myriam deu à luz um menino: Benjamin Lassing Júnior. Garotinho moreno de olhos verdes e cabelos negros, igualzinho ao pai.

A primeira refeição só transcorreu em silêncio naquela manhã porque Myriam também estava com fome e se dedicou a encher a boca, mastigando

ruidosamente. Caso contrário, ela teria gritado um bocado.

Pai e filho saíram para o trabalho, após beijarem Myriam, que a despeito de seu gênio era uma criatura muito afetiva e só os deixou partir após uma série de recomendações quanto à segurança dos dois homens de sua vida.

— . . . e só tirem o cachecol do pescoço quando esquentarem no trabalho, porque não quero ninguém doente em casa! — concluiu, quando os dois já estavam bem longe da cabana.

Apesar de seus dezesseis anos, o jovem Ben já havia alcançado a estatura avantajada do pai e não perdia muito para ele em matéria de musculatura. Vendo-os caminhar a passos largos .pela mata, tinha-se a impressão de ver dois gigantes de estórias fantásticas.

— Vai manter a aposta, pai? —  
indagou Ben.

— Que aposta?

— Quem derrubar mais árvores,  
hoje, ficará cora "Belle" para sempre. . .

Benjamin custou para responder,  
buscando uma saída para a enrascada  
em que se metera.

— Ben, filho, eu ontem estava  
exaltado pela discussão na hora que  
falei isso. Sei que aquela mula já está  
velha, mas não consigo me desligar  
dela, entendeu? Comprei-a quando sua  
mãe ainda estava com uma barriga  
deste tamanho — indicou com a mão —  
para que ela não tivesse de fazer a pé a  
caminhada até a Igreja, aos domingos.  
Depois que você nasceu não tive  
coragem de vender "Belle".

— "Belle" não sairá da família, pai;  
apenas mudará de dono.

— É. . .

— Então, aceita?

O gigante lenhador ia concordar mas nesse instante ouviram gritos abafados, ficando tensos. Eram gritos de mulher jovem. Trocaram olhares de entendimento e correram para o lado da mata de onde lhe parecia terem vindo os gritos. Enquanto corriam, ajeitaram os Colts para sacar rápido.

Ben se adiantou bastante ao pai, graças à juventude, chegando primeiro à cena brutal.

A "pequena Jeannie, seu primeiro amor, descomposta e desmaiada. Uma mordação feita

com lenço, ao redor do pescoço da menina, lhe permitiu entender rapidamente: ela conseguira tirar a mordação para gritar mas, física e moralmente arrasada, perdera os sentidos.

Seis indivíduos mal-encarados estavam perto, com as fisionomias

bestiais refletindo a plena satisfação de seus instintos.

Reagiram prontamente, levando as mãos às armas.

Foi a primeira vez que Ben Lassing atirou apenas instintivamente, sem apontar com cuidado como fazia nos exercícios de tiro dirigidos por seu pai. E também por instinto jogou-se ao chão, rolando enquanto apertava o gatilho.

As balas dos pistoleiros ricochetearam no chão duro, silvando e levantando nuvenzinhas de poeira, mas nenhuma delas atingiu o corpo do jovem.

Em compensação, os tarados, um após outro, urraram e despencaram, permanecendo imóveis.

Mortos!

Foi esse o cenário com que deparou Benjamin quando conseguiu chegar à

clareira. Ajudou o filho a se levantar, olhando-o com indisfarçável admiração.

— Bom trabalho, filho! — murmurou. — O diabo é que esses homens devem ter parentes e amigos. . . Disponha-se para enfrentá-los.

Ben Lassing entendeu perfeitamente o significado dessas palavras mas se limitou a tomar nos

braços o corpo mole de Jeannie, após cobri-lo com a sua própria camisa e seu cachecol, andando em direção à cabana do único "médico" do lugar, um farmacêutico que por algum motivo se isolara das cidades.

Jeannie morreu no caminho, enquanto era carregada por Ben Lassing, fato que imprimiu espantosa reviravolta à vida do jovem.

Não tardou a que se cumprisse a previsão de Benjamin Lassing: quatro forasteiros chegaram de surpresa, na

escuridão da noite, para vingar a morte dos estupradores.

Atiraram indiscriminadamente contra a cabana dos Lassing, cujas paredes de troncos agüentaram o tiroteio.

— Saia para se bater como homem, Ben Lassing! — gritou um dos atacantes.

Houve demorado silêncio e mistress Lassing, temendo que o filho aceitasse o desafio sendo assassinado, empurrou a porta de seu quarto para demovê-lo da idéia.

Tarde demais: Ben já havia saído pela janela, da qual sua mãe pôde testemunhar à luz da lua, perplexa, a sua atuação com as armas.

No meio da área capinada, diante da cabana, empertigado, Ben Lassing esperava que os adversários mostrassem as caras.



Eles foram suficientemente estúpidos para não liquidá-lo à traição, ao descobrirem tratar-se de um adolescente, embora agigantado.

Saíram para a esplanada, enfileirando-se, lado a lado, com as mãos oscilando junto às armas.

— Pode começar, garotão.. ., — gritou um deles.

— Quem desafia saca primeiro — rebateu Ben Lassing, impassível.

Irritados com o atrevimento do jovem, os quatro sacaram ao mesmo tempo e... ao mesmo tempo abandonaram o mundo dos vivos, cada qual com a sua quota de chumbo na cabeça.

Mistress Lassing desmaiou, porém seu marido saiu e, após cumprimentar o filho, referindo-se à tarefa desagradável de enterrar os cadáveres, lembrou:

— Eu disse, filho: disponha-se para enfrentar os parentes e amigos dos criminosos. Essa gente tem parentes e amigos. Além disso, muito pistoleiro não gostará de saber que existe outro atirador tão bom quanto eles ou melhor. Vão querer tirar a limpo.

Enterraram os corpos e voltaram, encontrando Myriam já de pé, chorando, muito nervosa.

— Graças a Deus, filho! — exclamou a pobre mulher, abraçando-se a Ben. — Seu pai me avisou que seria assim. Agora será sempre assim!

— Não, mãe, não será sempre assim. Vocês não serão incomodados por essa gente. Prometo.

Mistress Lassing não entendeu o significado dessas palavras mas Benjamin as compreendeu e, antes de voltar para a cama, levando Myriam, aproveitou um momento de distração

da esposa para acariciar o ombro de Ben e murmurar com doçura:

— Deus te acompanhe, filho. Mande notícias, sempre que puder. Deus te acompanhe. . .

Os três voltaram para a cama e, bem cedo, Lassing estava de pé, lavando o rosto numa tina. Sentou-se à mesa, como de costume, e, como de costume, Myriam começou a esbravejar:

— Beeeenn! Seu pai e eu já estamos de pé, começando o dia de trabalho! Não pense que aquilo de ontem servirá para você dormir até a hora do almoço, seu vadio!

— Venha tomar café sozinha comigo, Myriam — murmurou Benjamin, estendendo-lhe a mão calosa. — Terá de se acostumar. Ele partiu enquanto dormíamos. . . enquanto você dormia, para livrar-nos

da maldade dos pistoleiros que o viriam desafiar. Nosso filho sempre foi bom.

Myriam Lassing correu ao quarto do filho, custando a crer no que acabara de ouvir, voltando pouco depois de cabeça baixa. Sentou-se à mesa mas não comeu.

— Vi da janela de nosso quarto quando ele se afastou, Myriam. Você estava roncando. Foi melhor para ele. Se continuasse aqui, não viveríamos em paz. Longe, ele poderá mudar de nome e trabalhar sem ser perseguido. Eu lke pedi, ontem, que nos mandasse notícias.

Mistress Lassing baixou a cabeça sobre a mesa para chorar convulsivamente.

## ***CAPÍTULO PRIMEIRO***

O azar chegou de preto. . . Pelo menos fisicamente Ben Lassing diferia bastante da maioria dos pistoleiros, homens quase sempre esqueléticos, sujos, recurvados, de andar preguiçoso e olhar fugidio, causando um misto de repugnância e temor.

Lassing era alto, musculoso, empertigado, de olhos verdes, tez morena e cabelos negros, com ligeiro prognatismo que lhe esmprestava ares de grande energia. Extremamente asseado e sempre de preto, cavalgava como se participasse de um desfile militar, até mesmo quando atravessava sozinho as mais inóspitas paragens. Usava dois Colts 45 em coldres muito

baixos, também pretos, atados às coxas com tiras de couro. E jamais se

desprendia de seu Winchester "Um em Mil", arma cuja precisão estava garantida por seus fabricantes com essa gravação na parte metálica. Em média, a cada mil rifles produzidos um saía com precisão excepcional, valendo pelo menos dez vezes o preço dos demais. Lassing não hesitara em pagar um dinheirão por essa jóia. Seus Colts também eram garantidos, de fabricação especial, sem massa de mira para facilitar o ato de sacar. E "Cruzado", seu cavalo branco de sangue árabe, comprado no México, corria esti-rado quase rente ao chão, mais parecendo um galgo de proporções avantajadas. O elegante pistoleiro se orgulhava de mais duas propriedades: um chapelão tengallon "Stetson" negro e um par de esporas com rosetas de prata, mexicanas, cujo tilintar tornou-se conhecido

em várias partes da União e do México como prenuncio de morte. Suas vitórias em duelos a tiro limpo com pistoleiros e outros desafiantes irrefletidos somavam a trinta.

No entanto, Ben Lassing tinha apenas esse mesmo número de anos: trinta; dos quais, havia dedicado quatorze ao nobre ofício de pistoleiro.

Muita gente afirmara que a própria constituição violenta do jovem Lassing o empurraria inevitavelmente para a senda do crime e, para alguns, ele ficara plenamente justificado ao dizimar seis forasteiros que haviam estuprado uma menina de quatorze anos das vizinhanças de sua aldeia e pela qual ele se encantara.

Quatro desmiolados resolveram vingar a morte dos estupradores e juntaram-se a eles embaixo da terra, cada qual com um tiro na testa.

Foi assim que Ben Lassing descobriu sua assombrosa habilidade com as armas, alugando-a por bom preço a rancheiros e donos de saloons como infalível elemento impositor da ordem. Graças a tais empregos, como conseqüência natural de sua fama e em razão de ele ser um defensor incondicional da mulher, mais vinte nomes somaram-se à lista dos que tombaram frente aos seus Colts 45 especiais.

Esse o homem que, para azar de outro homem, estacou o seu cavalo branco diante de estreita garganta, hesitando entre seguir por ela ou contorná-la subindo íngreme aclive pedregoso salpicado de vegetação arbustiva.

— Como é, amigo "Cruzado"? — consultou o seu corcel. — Está disposto a subir?



"Cruzado" relinchou e, dilatando as narinas, sacudiu a cabeça em vários sentidos. Por certo manifestava, assim, estar disposto a tudo para agradar ao seu dono.

Ben Lassing retribuiu com umas pancadinhas carinhosas no pescoço do animal, dirigindo-o para o aclave.

A subida não foi nada fácil, custando hora e meia de malabarismo tanto ao ginete como à sua montaria, porém chegaram ao outro lado, onde havia vegetação exuberante, agradável frescor e . . . um riacho!

Homem e cavalo voaram para o córrego, hipnotizados por ele. "Cruzado" se deliciou primeiro com o banho, porque Lassing teve de se despir Bem lavados e abastecidos de água, "Cruzado" ficou pastando mansamente enquanto Lassing fazia café e fritava umas fatias de toucinho

defumado para comer com pão de centeio.

Uma soneca! Nada melhor do que uma siesta antes de seguir viagem. Segundo se informara Lassing, havia um povoado, com bons saloom, nas redondezas. E grandes criadores de gado. Não lhe seria difícil arranjar emprego para ganhar bom dinheiro mantendo a ordem à sua maneira, sem os inconvenientes do cargo de xerife.

Sorriu ao se imaginar com uma estrela de prata no peito. Deitou-se na cama natural de folhas secas, descansou a cabeça na sela e puxou o "Stetson" para cima dos olhos. Era um homem realizado.

— Fora, Bradford! — ecoou o grito de mulher. — Não quero tratos com assassinos! Fora!

Ben Lassing levantou-se de um salto, afivelou os cinturões de balas e

selou "Cruzado", tudo em segundos. Apurou os ouvidos.

— Fora, ou atiro!

Lassing saltou para a sela e dirigiu "Cruzado" para o lado de onde lhe parecera chegarem os

gritos, não tardando a divisar uma cabana de troncos. No alpendre, uma mulher empunhava respeitável escopeta, mantendo a distância um sujeito grandalhão que parecia gesticular com cuidado.

O pistoleiro desmontou, tenso, levando "Cruzado" pelas rédeas. Ressurgiu em sua mente o quadro de Jeannie sendo violentada pelos seis forasteiros e o sangue lhe esaldou as veias. Aproximou-se sorrateiramente, sem se deixar ver pela mulher, temendo que ela, com um gesto impensado, traísse a sua presença.

— Largue essa escopeta, Julia! — falou o indivíduo, no alpendre. — Não

tive nada a ver com a morte de seu pai. Podemos ser amigos e. . .

Quando a mulher menos esperava, o indivíduo saltou e lhe arrebatou a escopeta, jogando-a longe.

— Agora podemos conversar direito — afirmou. — Você sabe que eu sempre a desejei e que mais cedo ou mais tarde cairia em meus braços. Chegou esse momento.

A mulher saltou para livrar-se das mãos do homem, porém chocou-se de costas com a parede de troncos e ele conseguiu agarrá-la, não perdendo tempo. Movido pela bestialidade, rasgou a blusa da mulher e, segurando-lhe a saia pelo cós, tentou arrancá-la. A mulher lutava furiosamente, sem gritar, pois sabia que a casa mais

próxima ficava a milhas dali. Teria de ser a sua débil resistência física

contra a força bruta do homenzarrão. Os dois caíram, com ele por cima.

Ben Lassing atuou como era de seu feitio. Alcançou a clareira diante da casa, chegou ao alpendre e desferiu um pontapé nas costelas do homenzarrão, que rolou urrando de dor.

A mulher se levantou, dirigiu uma olhadela para Lassing e meteu-se dentro de casa, trancando a porta. Temia tratar-se de outra besta que estivesse disputando com a primeira o direito de possuí-la à força.

Lassing plantou-se no alpendre, tenso, com os pés bem separados e as mãos oscilando rente aos Colts. Seus olhos se tornaram riscos verdes entre as pálpebras morenas. Todo de preto, ele era a figura da morte.

Bradford levantou-se devagar, tendo nos olhos negros assustador brilho homicida.

Julia observava a cena, pela fresta da janela, com fatalismo: qual dos dois conquistaria, a tiros, o direito de brutalizá-la?!

## ***CAPÍTULO SEGUNDO***

Ben Lassing analisou ligeiro o seu adversário.

Bradford era alto, corpulento, mal-encarado e usava os revólveres no estilo dos pistoleiros. Seus coldres demonstravam terem sido muito usados.

Nesse instante a voz da mulher saiu pela fresta da janela:

— Não se meta, forasteiro. Só conseguirá arruinar a sua vida. Fuja depressa!

O cavaleiro negro ignorou a advertência. Fugir.. . Um pensamento que jamais passara pela cabeça de Ben Lassing, nem mesmo nos piores momentos de sua vida. Sem deixar transparecer a menor reação às palavras da mulher, encarou Bradford.

Este armou um sorriso amarelo e rosnou:

— Julia está sendo sua amiga, forasteiro. Se der meia volta neste instante, talvez eu lhe permita continuar respirando. Fora!

Lassing murmurou lentamente:

— Você me parece um cão raivoso e os cães raivosos têm de morrer. Ainda assim, terá uma oportunidade. Saque as armas!

As pupilas azuis de Bradford refletiram grande espanto, porque ele não estava acostumado a ser desobedecido. Como era possível aquele rapagão ignorar sua autoridade e sua valentia?! Sim, só podia ser isso: o forasteiro ignorava a sua identidade.

— Escute, forasteiro — falou com desdém. — Não sabe com quem está falando. Mas esteja certo de que será muito melhor para você dar meia volta



e desaparecer enquanto a minha paciência não se esgota.

Lassing apertou os lábios.

— Saque as armas! — rosnou. — Ou prefere morrer como uma cascavel?!

As mãos de Bradford se moveram vertiginosamente para as armas e Lassing esperou que ele as sacasse dos coldres para, só então, mover as suas mãos prodigiosamente rápidas. Foi verdadeiro truque de mágica, sendo impossível encontrar-se outra explicação para a estonteante seqüência. Julia declarou, mais tarde, ter ficado

com a impressão de que os braços fortes do forasteiro se transformaram num série de braços, à semelhança das varetas dos leques ao se abrirem de um golpe e, sem solução de continuidade, criaram labaredas nos extremos.

Foram dois disparos simultâneos que arrancaram do chão o perigoso Bradford, derrubando-o de costas.

Lassing girou os Colts nos indicadores, pelos guarda-gatilhos, metendo-os nos coldres com a naturalidade de quem está habituado a fazê-lo. Julia correu e saiu ao alpendre, inclinando-se para observar Bradford.

— Meu Deus! — exclamou, trêmula.  
— Ele... está morto!

— Acha que fiz mal? — indagou Lassing, inalterável.

Os grandes olhos azuis da mulher voltaram-se para ele, deixando-o gelado por minuciosa análise. Ela não soube ocultar que a figura do cavaleiros negro a agradara e ele, com estranha sensação de frescor no peito, insistiu:

— Acha que fiz mal?

— Creia que fez de mim uma escrava por gratidão, mister. . . Ted Bradford era uma víbora e não duvido

de que tenha sido ele quem matou o meu pai.

— Ben Lassing — disse ele. — Eu me chamo Ben Lassing. E você?

— Julia Dart; Julie, para os amigos.

— Prazer. Necessitarei de ferramentas para enterrar isso — disse Lassing, indicando com o queixo o cadáver de Ted Bradford. — Onde estão?

— Eu.. . eu mesma irei buscar — apressou-se a dizer Julie, encaminhando-se para o telheiro.

Voltou em poucos minutos com um enxadão e uma pá, permanecendo ao lado do forasteiro enquanto ele enterrava Bradford. Voltaram para junto da casa e Lassing parou onde deixara "Cruzado", fazendo menção de montar.

Julia Dart sentiu-se melindrada. Era a primeira vez que um homem não deixava transparecer interesse por ela.

Seu sensualismo tornara-se famoso no Condado por motivar cenas de ciúmes entre noivas e esposas cujos noivos e maridos se derretiam à sua passagem. No entanto, aquele. . . aquele. . .!

— Um momento, mister Lassing — decidiu feri-lo. — Não vai cobrar nada por seu serviço de matador?

Ben Lassing, que já havia enfiado a ponta da bota no estribo, recolheu o pé, soltou as rédeas e virou-se devagar, com um brilho ameaçador nos olhos verdes.

— Creio não ter entendido direito — falou, tenso.

Julia Dart compreendeu muito bem que, na melhor das hipóteses, levaria umas palmadas e se apressou a consertar:

— Bem. Você surgiu de repente, matou Ted Bradford e se dispõe a partir, como se essa morte não pudesse ter conseqüências. Pensa que os

amigos e parentes de Ted ficarão indiferentes? Sou mulher, porém nestas paragens isso não faz diferença e eles virão sedentos de vingança. Terei de enfrentá-los sozinha, enquanto você cavalga tranqüilo, satisfeito com as suas habilidades de atirador.

Ben Lassing olhou-a demoradamente, não dissimulando, desta vez, a perturbação que lhe causava a visão de um dos seios da mulher, inteiramente à mostra pelos rasgos da blusa. Ela se deu conta de estar descomposta e enrubesceu, cobrindo o seio com a mão esquerda. Lassing sorriu com malícia e perguntou, arqueando as sobrancelhas:

— Pretende sugerir que alguém reprovará o justo fim desse tarado? — indagou. — Nego-me a crer que haja homens dispostos a vingar a morte de um anormal.

Ela se refez do acanhamento mas seu orgulho não se abateu.

— Está bem, mister Lassing, pense o que quiser. Na verdade, não devia se importar com isso, porque estará longe daqui e não poderá se certificar. . .

Na verdade, Julie se odiava naquele instante, pois sentia-se levada a tramar os meios de prender o forasteiro. Por quê? Por que sentir-se atraída por aquele. . . aquele pistoleiro?! E o pior era que ele não se alterava, sorrindo como se estivesse diante de uma menininha adolescente. Mostrou-se atrevida:

— Está bem, Lassing — mudou o tratamento.

— Siga seu caminho! Sei que não tenho o direito de convencê-lo a ficar para me defender de meus inimigos. Você já fez muito ao evitar que Ted. . .

O sorriso de Lassing se ampliou.

— Escute, Julie — interrompeu-a.  
— Espero que tenha forragem para "Cruzado". Dormirei no palheiro. Amanhã examinaremos com mais calma os seus problemas. Sei que está sendo sincera. Não deve se sentir humilhada por buscar ajuda e companhia. Eu também vivo na solidão e compreendo a sua angústia.

O primeiro impulso de Julia Dart foi de gratidão, porém sua vaidade de mulher por todos cobiçada acabara de sofrer sério impacto: em vez de pretender dormir dentro de casa, como um passo inicial no sentido de alguma intimidade, o forasteiro se apressara a declarar que dormiria no palheiro. Mas não ficaria assim. . .

— Não deve se deixar levar pela compaixão— rebateu, de nariz para o alto. — Deve haver um meio de eu sair sozinha. . .

— Claro — cortou Lassing, divertindo-se às suas custas. — Há sempre um meio. Porém decidi ficar para conhecer melhor a classe de homens que habitam esta região. Eu me dedico a estudar as criaturas... — fez ligeira pausa. — Quer saber de uma coisa? Na região de onde vim só se respeita uma lei: não lutar contra a mulher. Se alguém transgride essa lei passa a ser visto como um mariquinhas, sendo desprezado por todos, até pelas crianças. Quero ver quantos mariquinhas há por aqui. A menos que... .

— Oh, não, não! — apressou-se a dizer Julie, estendendo o braço. — Fique!

Ben Lassing começou a tirar a sela de "Cruzado". Sorria discretamente.



## ***CAPÍTULO TERCEIRO***

A luz do lampião criava pálido círculo luminoso no centro da sala, deixando os móveis e utensílios, em redor, mergulhados em agradável penumbra.

Haviam acabado de jantar e Ben Lassing estava de pé à janela, olhando para a escuridão da noite. Sentia-se possuído de intensa fúria, após ouvir de Júlia Dart o relato dos desmandos dos irmãos Bradford. Julie lavava a louça com todo cuidado para não se molhar, porque usava seu melhor vestido. A presença do forasteiro renovara a sua alegria de viver e, conseqüentemente, a sua vaidade.

Após alguns minutos de silêncio, Lassing virou-se, contemplou o

ambiente acolhedor e comentou como se falasse sozinho:

— Noites como esta deixam a impressão de que o mundo seja um lugar de amor e paz. A gente fica com vontade de pedir a todos que se perdoem, esquecendo os motivos de briga.

Julie moveu a cabeça afirmativamente. — é como pensamos quando ainda crianças, Ben — murmurou, esfregando um prato. — Porém os adultos se metem nos varais da cobiça, cometendo os piores crimes em nome de supostos ideais de civilização e prosperidade o homem emporcalha a natureza com as suas obras de ódio e sangue.

— Fala como se tivesse sido educada no Leste, Julie. Não usa a linguagem das. . . das. . .

Não encontrou a palavra adequada e Julie concluiu, com um sorriso:

— Matutas. Por que não dizer, Ben? Eu sou uma matuta, embora tenha, como percebeu, estudado no Leste. Não consegui me desligar de papai e ele, por sua vez, não conseguiu se desligar de suas terras até ser assassinado pelos Bradford.

— Os Bradford... — murmurou Lassing. — Fale-me mais desses coiotes, Julie.

Julia Dart havia terminado a lavagem da louça. Enxugou as mãos no avental, tirou-o e sentou-se para falar olhando fixamente para o estampado da toalha da mesa:

— Ted, Leo e Rob Bradford chegaram ao f vale há apenas dois anos, vindo do Leste. Um deles é bacharel em Direito. Traziam muito dinheiro, eram jovens, amáveis e sorridentes, muito prestativos. Não tardaram a conquistar a confiança e o afeto de todos. Eu mesma, embora

captando neles algo que não conseguia definir, deixei-me levar por sua simpatia irradiante. Conseguiram o milagre de romper a barragem da sociedade hermética deste lugarejo, formada por abastados criadores de gado, que lhes abriram as suas portas ao longo de todo o Ring Valley. Em poucos meses os Bradford se tornaram queridos de todos, conseguindo comprar terras. Imagine que alguns velhos rancheiros chegaram a se indispor, disputando o privilégio de ter os Bradford como vizinhos.

Olhou com grande naturalidade para o lampião e se levantou para ajeitar o pavio, limpando-o. Sentou-se de novo, continuando:

— Eles preferiram ficar com as terras da entrada do Ring Valley, a umas três milhas do povoado. Ninguém se preocupou com a questão de limites, porque jamais se tratou disso nesta

região onde todos sabem respeitar os direitos do próximo.

— Já testemunhei comportamento semelhante em outras áreas — comentou Lassing. — Em poucas.. .

— Eu sei que são raras as comunidades humanas em que os homens não se devoram por questões de terras e de outros bens — continuou Julia. — Esta é uma delas. Pois bem, os Bradford se revelaram excelentes rancheiros e, em pouco tempo, ergueram um império, contratando ótimos vaqueiros de outras áreas. Quer um café?

— Ótima idéia. Obrigado.

Julia Dart pegou o bule de ágata no fogão de lenha e duas xícaras, servindo café.

— Porém, além de trazer vaqueiros, trouxeram reses. Rebanhos enormes que, evidentemente, não cabiam em suas terras. As manadas dos Bradford

passaram a invadir as terras dos outros rancheiros, sendo violadas as divisas estabelecidas pelo costume. Nesse meio tempo Rob Bradford se elegeu xerife e, quando um dos rancheiros se apresentou diante de seus irmãos para reclamar pela invasão de suas terras, recebeu uma gargalhada na cara e, como protestasse, foi expulso a pontapés. Estava iniciado o desespero em Ring Valley. Agora. .

— Quais serão, segundo imagina, as conseqüências da morte de Ted Bradford? — cortou Lassing.

— A situação local não se modificará, porém estou certa de que Leo e Rob Bradford virão à

minha casa. Sabem que Ted me perseguia. Ao vê-lo aqui.. .

Interrompeu-se e Lassing sorriu.

— Não esperarei que venham, Julie. O fator surpresa é sempre vantajoso em situações como esta.

— Que pretende fazer? Não me diga que.. .

— Farei exatamente o que não se atreveu a dizer, Julie: irei falar com Rob Bradford, o xerife. Ninguém melhor do que ele para intervir. Matei um homem que pretendia violentá-la e dei ao patife a oportunidade de sacar primeiro. Morreu por não ter sido suficientemente rápido.

— Meu Deus, você não pode estar falando sério! — estourou Julia Dart. — Seria morto sem uma oportunidade para se defender, Ben! Rob Bradford está sempre rodeado de uma matilha de pistoleiros selvagens. Ninguém, em todo o território, moveria uma palha a seu favor, porque todos temem os Bradford. Os homens de Ring Valley tornaram-se covardes com o correr do tempo.

— Não se preocupe, Julie — disse Lassing, ousando segurar a mão de

Julie, que estremeceu. — Os jogos de violência têm, como todos os demais, vários aspectos que podem ser explorados pelos jogadores experimentados.

— Mas. . .!

Ben Lassing se levantou e pousou as mãos nos Colts, falando com uma entonação que assustou Julie:

— Se Rob Bradford e seus pistoleiros quiserem resolver a partida a tiros, receberão uma lição da qual os demais se lembrarão por eles, pois não ficarão para contar. . .

— Como espera que eles aceitem discutir sem as armas ao saberem que você matou Ted? Haverá tiros e. . .!

Ben Lassing deu um passo em sua direção.

— Eu já vivi situações semelhantes a esta, Julie. A única diferença, agora, está na participação de uma mulher bonita.



Julia Dart se desconcertou por completo, não ousando olhar de frente para o forasteiro. Baixou os olhos, brincou momentaneamente com a bainha da toalha e se levantou. Havia enrubescido.

— Vou servir mais café... — murmurou, aproximando-se do fogão.

Ben Lassing sorriu. Seria capaz de apostar os seus dois Colts especiais, seu Winchester "Um em Mill" e seu corcel branco como aquela mulher seria sua. Apenas uma questão de tempo.

## ***CAPÍTULO QUARTO***

O escritório do xerife estava situado na metade da rua principal, entre o armazém de cereais e a ferraria.

O povoado, em si, não era importante, constando de apenas cento e poucas casas irregularmente distribuídas nas margens do rio que o dividia em dois.

Flag Dore dormia a siesta, com as botas em cima da mesa. Ostentava no peito a estrela de auxiliar de xerife. Jamais sonhara com essa possibilidade enquanto vagava por este mundo cometeado desatinos. Porém suas atividades no novo cargo em quase nada diferiam das que ele exercera como pistoleiro, porque a Lei era im-

posta em Ring Valley pela voz dos Colts. Sentia-se imprestável, agora que os seus patrões, os Bradford, se haviam assenhoreado completamente da região. Ninguém ousava contrariar os senhores de Ring Valley e ele, Flag Dore, simplesmente não tinha o que fazer.

Ouviu o ranger das dobradiças da porta e entreabriu os olhos sonolentos, bastando-lhe uma olhadela para compreender que as mansas águas da vida local cedo ficariam enlodaçadas. O forasteiro que acabara de entrar era, dos pés à cabeça, um perigo a ser levado em conta.

— Quero falar com o xerife Bradford — declarou o homem todo de preto. — Onde posso encontrá-lo?

Flag Dore se levantou, estirando seus seis pés de altura. O sotaque texano do forasteiro lhe trouxera recordações.

—Eu sou Flag Dore, conterrâneo — declarou. — Por que procura o xerife? Talvez eu possa servi-lo, se deseja apenas falar com um representante da Lei.

— Eu me chamo Ben Lassing e quero falar ao xerife pessoalmente. Onde está ele?

O desinteresse do forasteiro pelo fato de serem ambos texanos magoou Flag Dore.

— Está certo de que pode dispensar os meus serviços? — indagou desafiadoramente.

— Pretende colocar as suas armas a meu serviço? — zombou Lassing. — Agradeço a boa vontade, conterrâneo, mas prefiro resolver as coisas a meu jeito.

A referência à identidade de origem desconcertou ainda mais Flag Dore, que se apressou a dizer:

— Claro que não estava oferecendo os meus serviços de atirador, forasteiro. Só emprego as armas por ordem do xerife. Se é com ele que deseja falar. . .

— Até que enfim entendeu. Onde está o xerife?

Flag Dore cocou a nuca.

— A estas horas costuma estar no "Potro Dourado" jogando uma mãozinha de pôquer.

— Obrigado.

Ben Lassing recuou devagar, sem perder de vista o pistoleiro metamorfoseado em homem da Lei. Sua longa experiência lhe dizia que Flag Dore não hesitaria em matá-lo à toa, pelas costas. Saiu, fechou a porta com delicadeza e caminhou atento pela calçada de tábuas.

O sol dourava as paredes de madeira nua e a terra da rua principal

de Ring Valley. Não se via viva alma, por causa do calor intenso.

O "Potro Dourado" ficava dois quarteirões mais adiante. Lassing empurrou a porta de vaivém, esperou que seus olhos se acostumassem à penumbra e analisou o ambiente. O balcão, tendo por trás as prateleiras de bebidas, ocupava toda a parede da esquerda. Todo o espaço à direita estava ocupado por mesas. Ao fundo havia um piano junto a um tablado para bailarinas.

Lassing se encaminhou para a mesa de jogo, porém abriu-se uma porta junto do tablado e Flag Dore surgiu diante dele ostentando um sorriso zombeteiro.

— Caramba, contrterrâneo, não imaginei que nos reencontraríamos tão depressa... — ironizou.

— Que está fazendo aqui, Dore? — indagou, da mesa de jogo, um homem

parecidíssimo com o que Lassing matara no alpendre de Julia Dart.

— Este forasteiro deu as caras lá no escritório, Rob. Queria falar com você. Seu aspecto não inspira muita confiança...

Rob Bradford moveu a cabeça afirmativamente e se dirigiu a Lassing:

— Bem, amigo, vá logo soltando o que deseja.

Ben Lassing analisou ligeiro os outros três jogadores. Evidentemente, também eram pistoleiros e não hesitariam em disparar a um sinal de Rob Bradford.

— Não gostará do que tenho a dizer, Xerife — Sorriu Lassing, de um modo que a todos intranqüilizou, inclusive ao diminuto barman, que enxugava o suor da careca com um lenço imundo. — Venho comunicar que um homem foi morto quando tentava violentar uma mulher.

Ele pensou que ela estivesse sozinha em casa e lhe rasgou a blusa, tentando arrancar-lhe a saia para desrespeitá-la. Era um tarado.

Os seis homens, incluindo o diminuto barman, se entreolharam significativamente antes de Rob Bradford estourar:

—Essa estória deve ter algum propósito, forasteiro! Quem são os protagonistas? Sabe os seus nomes?

Ben Lassing inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, em atitude zombeteira.

— Um dos personagens sou eu, Xerife. Eu me chamo Ben Lassing e vim do Texas. O outro se chamava Ted Bradford.

Foi como se a atmosfera tivesse recebido forte carga elétrica.

— Santo Deus! — berrou Rob Bradford. — Que está dizendo, forasteiro?! Ted morto?! Está mentindo!



Flag Dore acariciou os Colts, os outros três ficaram aguardando um sinal para empunhar as suas armas e o pequeno barman se refugiou atrás do balcão, de olhos muito abertos.

— Verdade, Xerife. Ted Bradford morreu e eu mesmo o enterrei. Desde pequeno me revolto contra os crimes sexuais.

Flag Dore se adiantou ao sinal que deveria ter sido dado por Rob Bradford. Sacou vertiginosamente.

Foi quando os Colts brotaram nas mãos de Ben Lassing como frutos sinistros, antes mesmo que Flag Dore chegasse a horizontalizar as suas armas. E vomitaram fogo e chumbo.

Flag Dore estremeu violentamente antes de largar as armas e contemplar as mãos ensangüentadas.

Ben Lassing avançou decidido, cravando a ponta do cano de um dos Colts no estômago do xerife, que se

inclinou, soltando todo o ar dos pulmões.

Um dos pistoleiros quis aproveitar a oportunidade. Atirou-se ao chão e rolou por ele, já com as armas nas mãos.

Lassing cravou-o no assoalho com um tiro no alto da cabeça. Cobriu com os Colts os outros dois pistoleiros dos Bradford e advertiu:

— Quietos! Tenho balas para acabar com todos!

Rob Bradford empalideceu intensamente e seus pistoleiros se imobilizaram, absolutamente convencidos de que o forasteiro não hesitaria em deixá-los secos.

— Muito bem, Xerife, acabou-se a brincadeira — falou Lassing, olhando-o nos olhos. — Entenda que não o matei porque a notícia da morte de seu irmão o deixou sem ação e minha consciência me perseguiria se eu liquidasse um homem incapaz de se bater friamente.

Porém meta na cabeça o que lhe vou dizer. Conheço

todo o Oeste e sei que só um argumento é ouvido com atenção: o dos Colts. E acontece que sei manejar os meus com a eficiência necessária para impor as minhas normas. Estamos entendidos? Rob Bradford estava muito pálido.

— Juro, Lassing, que vou matá-lo! Nem que seja o meu último ato neste mundo!

Ben Lassing sorriu com irritante cinismo.

— Acredito que tentará fazê-lo, Rob Bradford. Outros já tentaram... Agora, responda: por que, como xerife de Ring Valley, não perguntou o nome da mulher que o seu irmão tentou violentar?

Rob se desconcertou.

— Não perguntou porque já sabe, hem, Xerife? Por certo conhecia a tara

de seu irmão. Sabia que ele fora desrespeitar uma moça solteira e sozinha em sua própria casa.

— É mentira! — rosnou Rob. — Eu não sabia que Ted fora à casa de Julia Dart. Ele. . .

Interrompeu-se, compreendendo que falara demais.

— Soltou o nome sem querer, hem, Xerife? — zombou Lassing, muito sério, sem perder de vista os outros pistoleiros, embora eles mantivessem as mãos bem afastadas das armas. — Canalha! É tão sem-vergonha quanto os seus irmãos! Uma corja de patifes que, com os seus covardes pistoleiros, está imundando Ring Valley!

— Por Deus, forasteiro, não continue desacatando a autoridade! — exclamou estupidamente Rob Bradford. — Pode ser enforcado! Deixe cair as armas e se entregue ao xerife de Ring Valley!

A gargalhada de Lassing estremeceu o saloon.

— Como pretende impor a sua autoridade, Xerife? Valendo-se desses dois covardes, ou recorrendo àquela miniatura de homem que está tremendo de medo atrás do balcão? Por que não saca seu revólver de serviço para me deter?

Rob Bradford sentiu-se completamente desamparado. Lassing prosseguiu:

— Vou sair, porque já cumpri o dever de comunicar a morte de um coioote nas mãos de um homem.

O xerife estremeceu de ódio mas, sob o olhar gélido dos olhos verdes do cavaleiro negro, viu-se compelido a baixar a cabeça.

— Não diz nada? — zombou Lassing. — Pois bem, comunique aos seus outros pistoleiros que sou muito andejo e conheço todos os truques da

"profissão". Se quiserem acabar comigo, terão de fazê-lo pelas costas, entendeu? Não obstante, prometo voltar se forem iniciadas investigações honradas em Ring Valley sobre o justo fim de Ted Bradford.

— Amaldiçoado intrometido! —  
rosnou Rob Bradford, baixinho. — Juro que lhe meterei umas baias na carcaça!

Lassing girou os Colts pelos guarda-gatilhos.

— Aproxime-se de mim por trás, de noite, e talvez consiga, Xerife. É como atacam os coiotes. Frente a frente, será bem difícil. Inicie investigações honestas e voltarei. Jamais faltei com a minha palavra.

Recuou até à porta e saiu, nescando os olhos verdes por causa da luz intensa. Deixara "Cruzado" diante do escritório do xerife, de modo que caminhou pelas calçadas de tábuas dos

alpendres com as enormes esporas de prata, mexicanas, tilintando.

Muito senhor de si, todo de preto, empertigado, mais parecia um emissário da própria morte. Alguns homens que o viram passar franziram a testa, preocupados, e várias mulheres se afastaram das janelas.

Pouco depois Ben Lassing saltava para a sela de "Cruzado" e deixava o povoado, envolto em uma nuvem de poeira dourada pela luz do sol intenso.

Pesado marasmo immobilizava Ring Valley.

## *CAPÍTULO QUINTO*

Os habitantes de Ring Valley constituíam uma comunidade temerosa e escravizada, após caírem das alturas de uma vida fácil, cômoda, baseada em sólidos alicerces econômicos.

À semelhança de muitos outros povoados do oeste bravio, Ring Valley se tornara vítima da ousadia e brutalidade de um bando de renegados. Em todos esses povoados tal situação perdurou até surgir um homem capaz de se opor eficazmente à tirania. E até aparecer tal homem, cada habitante era, sem o saber, uma bomba

A notícia da morte de Ted Bradford foi essa centelha para os habitantes de Ring Valley, que providenciaram imediatamente uma reunião a ter lugar na sala dos fundos do armazém de Moor Shane, um irlandês sardento e



fanfarrão. De todos os esperados somente a causadora da centelha, Julia Dart, não compareceu. Porém todos sabiam que a bela jovem lhes dedicava soberano desprezo por terem sido omissos por ocasião do assassinato do velho Dart.

Usou da palavra, inicialmente, o bem falante Paddy Lar, que fora xerife do lugar antes da implantação da tirania dos Bradford. Discursou:

— Amigos, Ted Bradford morreu. Há muitos boatos a respeito, sendo muito provável que o coração dessa víbora tenha sido vitimado por seu próprio veneno. Porém se for verdade, como se afirma, que Julia Dart teve algo a ver com a sua morte, estaremos na obrigação de tomar providências. Já resistimos demais a roubos e humilhações e, se continuarmos impassíveis, acabaremos escravos

como qualquer negro trazido da África. Eu lhes digo que. . .

— Chega de falastrança! — urrou Vai Deed, o ferreiro agigantado, homem ruivo, tão sardento, quanto Moor Shane. — Se continuar falando à toa, acabaremos dormindo! Há quem possa esclarecer tudo sobre a morte de Ted Bradford.

Todos os olhos se voltaram para ele no momento em que sua mão enorme, calosa, envolvia o pescoço de um homem ao seu lado.

— Vamos, Cassius, vomite tudo que sabe — ordenou Deed.

Cassius Blind era o homúnculo careca proprietário do saloon. Falou a medo:

— Ted Bradford foi morto por um forasteiro, chamado Ben Lassing, que anda sempre de preto e atira com a velocidade do raio. Foi por causa de Julia Dart. Aconteceu quando. . .

O relato de Cassius Blind não se afastou muito da realidade dos fatos, porém a sua tendência aumentar para exagerar deixou em todos uma imagem do forasteiro bem próxima da figura de um dragão negro lançando fogo e chumbo pelas patas dianteiras e criou a impressão geral de que estavam para ocorrer grandes transformações sob o comando do diabólico pistoleiro negro.

Tal impressão foi reforçada pela opinião de Bart Fare, ex-prefeito e oráculo oficial de Ring Valley, homem venerável de longa cabeleira branca, rosto afilado e olhos extremamente claros. Ao ser perguntado sobre que achava da intervenção de Ben Lassing, murmurou:

— Há no horizonte sinais de tormenta e preocupação, mas no final brilhará o sol.

Evidentemente, não era mais que uma versão pessoal de uma passagem

da Bíblia, que todos aceitaram como sendo sua.

O ferreiro Vai Deed fez ouvir a sua voz de trovão:

— Bem, amigos, a coisa está clara: Ted Bradford foi morto e a água começou a ferver. Se perdermos esta oportunidade, não voltaremos a ser homens. Temos de apoiar Ben Lassing e Julia Dart, sem nos importarmos com o passado desse pistoleiro e com as conseqüências dos arrebatamentos dessa mulher. Deveríamos ter reagido antes e agora esse forasteiro nos indica o caminho.

O ferreiro, a despeito de analfabeto, tinha magnetismo pessoal e todos apoiaram imediatamente a sua decisão de reagir, porém o oráculo Bart Fare voltou a falar:

— Aprovado, Vai Deed. Agora, está na obrigação de nos dizer como

poderemos reagir à tirania dos Bradford.

Paddy Lar se adiantou:

— Creio que a solução nos deu o próprio Ben Lassing. Segundo afirmou Cassius, o forasteiro prometeu submeter-se a um júri "honesto". Tal júri só poderá ser honesto se for integrado pelos habitantes honrados de Ring Valley. Forcemos Rob Bradford a convocar um Juiz e jurados.

Vai Deed ouvira atentamente. Satisfeito, exclamou:

— Caramba, Paddy, desculpe eu ter dito, no domingo, que você tem cocô de cavalo dentro da cabeça!

A sua idéia é boa! Só assim teremos bons tiroteios nas ruas, como nos velhos tempos!

— Eu não sabia que você disse isso de mim no domingo! — urrou Paddy Lar, de olhos arregalados. — Se

alguém, aqui, tem cocô de cavalo na cabeça...!

— Chega! — falou o oráculo, em tom profético. — As desavenças entre amigos só podem conduzir a inimizades. Devemos permanecer unidos para enfrentar os Bradford.

Lar e Deed se olharam desafiadoramente mas não prosseguiram na discussão, porque respeitavam o oráculo, que, diga-se de passagem, transudava uísque.

— Essa estória de tiroteios não me agradou — disse um gorducho, garçom do saloon de Cassius Blind. — Nunca se sabe quem morrerá primeiro e eu tenho quatro filhos para criar.

— Seu covarde! — urrou Vai Deed. — Diga outra besteira igual a essa e lhe arrancarei cem libras de banha só da barriga! Não queremos traidores entre nós!

— Não sou traidor! — resmungou o gorducho. — Estava pensando em meus filhos. E também em Sally.

— É?! — fez Vai Deed, olhando-o dentro dos olhos. — Pois saiba que a sua morte seria o melhor presente de Páscoa tanto para os seus garotos como para Sally! Sua família está doida para herdar o dinheiro que você anda guardando em algum lugar, seu barrigudo sovina!

Houve gargalhadas, interrompidas pelo vozeirão do ferreiro:

— Atenção, amigos! Proponho o seguinte, com ou sem a participação dessa bola de sebo — dirigiu um olhar maligno ao gorducho —: nomearemos dois grupos. Um deles falará com os irmãos Bradford e o outro com Julia e Lassing. A escolha será feita segundo a valentia de cada um.

Paddy Lar cocou a nuca e murmurou, intrigado:

— Confesso não estar entendendo nada.

— Eu poderia dizer o que você tem dentro da cabeça, mas deixarei isso para depois — rebateu o gigantesco ferreiro Deed. — Não posso desgostar o nosso oráculo. . . Explicarei direitinho para ver se entra nesses miolos burros. A entrevista com Lassing e Julia será forçosamente pacífica. Nick fará parte desse grupo. . . ironizou o gorducho. — Esse forasteiro não irá além de rejeitar qualquer colaboração. Porém com os irmãos Bradford será diferente. Rob ficará furioso, porque está acostumado a ser obedecido por todos nós. Quanto a Leo.. . — hesitou.

— Leo Bradford é o fator desconhecido — concluiu o oráculo Fare. — Esperto e perigoso, emprega com igual perícia o revólver e o cérebro.

Devemos preocupar-nos mais com a sua reação.



Vai Deed pareceu encolher de seus dois metros de altura para admitir:

—Sei que tenho sido um covarde e confesso que tenho medo desse homem. Nunca pude adivinhar seus pensamentos e o que pretende fazer. Eu não me importaria de enfrentá-lo a tiros ou com os punhos. Talvez ele me derrotasse de novo, mas estaríamos pisando terreno firme. Quando se trata de usar o cérebro.. .

—Tem cocô de cavalo na cabeça... — murmurou Paddy Lar, vingando-se.

Foi necessária nova intervenção do oráculo Fare para que os dois não se engalfinhassem numa luta brutal, pois eram dois gigantes e ambos sabiam lutar. Serenados os ânimos, Vai Deed quis demonstrar valentia, asseverando:

— Insisto em fazer parte do grupo que falará com o xerife e seu irmão. É bem possível os revólveres falarem por nós.. .

Moor Shane, o proprietário do armazém, serviu boas doses de uísque e a escolha dos participantes das duas comissões se processou em clima de grande entusiasmo. O gorducho Nick Temple, esquecendo suas preocupações com o futuro da esposa e dos filhos, insistiu em integrar o grupo de Vai Deed, declarando:

— Quero só ver a cara de Rob e Leo quando impusermos as nossas condições!

Nova onda de risadas. Embora muito tocados pelo álcool, os participantes da reunião ainda conservavam o senso do ridículo e não se contiveram ante a desfaçatez de Nick, que se encolheu, desconcertado.

## ***CAPÍTULO SEXTO***

Leo Bradford era o mais jovem dos três irmãos e também o mais inteligente e perigoso, com físico e cérebro superiores ao normal.

Conquanto jamais tivesse exibido um diploma, afirmava ser bacharel em Direito por uma Faculdade do Leste. Era do tipo de homem do qual não se ousa exigir provas de nada sem o risco de provocar uma tormenta. Por duas vezes os moradores de Ring Valley tinham constatado o seu vigor físico, sendo uma delas quando derrotou em luta limpa, aos murros, o agigantado ferreiro Vai Deed. A segunda ocorreu ao ser desafiado por Joe "Comanche", um pistoleiro mestiço que se gabava de pegar touro à unha e nunca mais

contou vantagens após ser brutalmente espancado por Leo Bradford.

Leo era alto, espadaúdo, de quadris estreitos e rosto aquilino, cabelos e olhos muito pretos. Seu queixo era avançado e agressivo como a roda de proa de um navio de guerra.

Enorme candelabro com doze lamparinas iluminava a cena.

Seis pistoleiros mal-encarados rodeavam os dois irmãos e Leo dizia:

— Não entendo como um homem sozinho conseguiu dominar todos vocês. Afinal, para que usa dois Colts na cinta, Rob? Seria melhor usar escovas. Só assim poderia ter escovado as botas desse forasteiro.

Rob Bradford estava encostado à lareira que aquecia o salão. Cerrou os punhos.

— Com todos os diabos, Leo, quer parar com o sarcasmo?! — irritou-se. — Ben Lassing não é um pistoleiro

comum. Flag Dore e os outros dois rapazes podem confirmar o que digo. Sacar diante desse demônio será um suicídio! E ninguém poderá vencê-lo numa luta corporal. Nem mesmo você, Leo.

Leo Bradford fumava esguio atirador. charuto da Virgínia. Usava apenas um Colt, o esquerdo, uma indicação de que era canhoto, pelo menos como

Costumava dizer que para matar um homem bastava uma bala. Grunhiu:

—Como é, Dore: acha que esse Lassing me venceria.

Flag Dore pareceu despertar de pesada modorra. Pestanejou lentamente e arredondou os lábios finos para murmurar:

— Não sei, Leo. Eu. . .

Subitamente, mostrou-se dominado por forte desespero e gritou, quase chorando:

— Veja as minhas mãos! Nunca mais poderei usá-las para atirar! O miserável me deixou aleijado! Ele me deixou sacar primeiro e depois. . .!

Seguiram-se minutos de pesado silêncio durante os quais Flag Dore continuou olhando para as mãos enfaixadas. Não ficara propriamente incapaz para a maioria das atividades granjeiras, porém tivera os dois indicadores arrancados, de dentro dos guarda-gatilhos de seus Colts, pelos disparos certos de Ben Lassing.

— Está bem, Dore — falou Leo, aparentemente penalizado. — Já respondeu de modo convincente à minha pergunta. De fato, Ben Lassing deve ser terrível manejando os Colts. Justamente por isso é imprescindível acabarmos com ele o quanto antes.

Caso contrário, a morte de Ted não será o único desastre em Ring Valley.

O seu irmão Rob estava rubro de raiva. Ia dizer algo quando um vaqueiro de pernas arqueadas entrou ruidosamente no salão e deu uma cusparada no fogo da lareira, provocando um chiado, antes de comunicar:

— Desculpe interromper, patrão, mas um grupo de ginetes vindos do povoado se aproxima do rancho. Calculo em vinte homens.

Leo saltou da cadeira e foi à janela, sondando a escuridão da noite com os olhos escuros nesga-dos. Grunhiu:

— Ringo, mande acender os lampiões do alpendre! Rápido! Os demais que se preparem para lutar. Tenho a impressão de que se avizinham os desastres de que falei há pouco. . .

Os homens se dispersaram para cumprir ordens, deixando sozinhos os

irmãos Bradford. Rob olhou para Leo, sem entender sua espantosa atividade em face da simples aproximação de ginetes do povoado. Leo empunhara um rifle, examinando a sua carga.

— Diabos, Leo, que está tramando desta vez? — indagou Rob. — Por que todo esse rebuliço?

— Feche o bico e venha comigo — rebateu Leo. — Se os meus temores se confirmarem, você terá uma resposta convincente.

Saíram ao alpendre, cuja dezena de grandes lampiões, já acesos, iluminava grande área fronteira.

Rob seguia Leo como um cão, porque, embora fosse homem de personalidade, tornava-se inexpressivo diante do irmão mais moço, mais enérgico, mais forte e mais instruído.

O pistoleiro Ringo se aproximou deles, informando, com um brilho homicida nos olhos:



— Patrão, é gente do povoado. Vai Deed está na frente. Não me pareceram de bom humor, entende?

Leo sacudiu a cabeça afirmativamente, indagando:

— Que armas trazem?

— Rifles e revólveres. Poderiam iniciar agora mesmo uma pequena guerra ou caçar búfalos, entende?

Leo Bradford e seu capataz-pistoleiro Ringo Cramer se entendiam perfeitamente.

— Claro que entendi, Ringo. Claro que entendi.

O ruído dos cascos se aproximou depressa e num instante os cavaleiros surgiram à luz dos lampiões. Leo ergueu o Winchester e fez um disparo, cravando a bala no chão, entre as patas dianteiras do corcel de Vai Deed, que apertou os lábios grossos e indagou, irônico:

— Que estória é essa, Bradford? Agora recebe os visitantes como se estivesse num esconderijo de pistoleiros? Viemos. . .

— Pare de grunhir como um urso, ferreiro! — bradou Leo, apontando o rifle diretamente para a cabeça de Vai Deed. — Não esqueça que o chumbo é mais duro que essa sua cabeça dura...

A cena apresentava um misto de selvageria e grandiosidade. Quase duas vintenas de homens rudes, tensos, a maioria deles à vista e muitos ocultos na sombra, diante de perigosa alternativa: um entendimento com palavras ou uma decisão lamentável a tiros. Ringo Cramer e outro pistoleiro se haviam colocado estrategicamente por trás dos irmãos Bradford.

Paddy Lar adiantou o seu cavalo e falou com dureza, mais parecendo uma estátua eqüestre, tal a sua enormidade e a de seu alazão:

— Não é a você que buscamos, Leo Bradford; queremos falar com o xerife de Ring Valley.

Leo falou antes que seu irmão Rob o pudesse fazer:

— Está bem, amigos, aí está ele. Se eu fosse o xerife, exigiria que depusessem as armas antes de se iniciar a discussão. Do contrário, suspeitaria de suas intenções. . .

Houve um momento de explosiva tensão, porém Rob, que captara a mensagem das palavras do irmão, apressou-se a concordar:

— Leo tem razão, rapazes. Que se propõem vindo aqui dessa forma? Afinal, não estamos em guerra. Para que tanto armamento?

Vai Deed falou entre dentes, com veneno na entonação:

— Nós, os habitantes de Ring Valley, aprendemos certas coisas desde

que os Bradford chegaram ao território. Por isso. . .

Não concluiu a frase porém Leo captou o significado. Deu um passo à frente, com o indicador acariciando o gatilho do Winchester de alavanca. Desafiou:

— Explique o que pretendia, ferreiro, se não quer morrer agora mesmo como um cão raivoso.

Vai Deed gastou certo tempo elaborando mentalmente uma frase inteligível, o que Leo tomou por medo. Dando uma risada, falou, zombeteiro:

— Reconheço que você é um sujeito duro, ferreiro. Eu poderia matá-lo agora, porém decidi que, quando tenha de acabar com você, lhe darei uma oportunidade para sacar. Afinal, que pretendem?

Vai Deed trazia na medula espinhal as tendências dos homens formados em uma época de violências e, naquele

instante, chegou a esquecer o verdadeiro motivo de sua visita aos Bradford. Sua única idéia era iniciar um tiroteio para crivar de balas o atrevido Leo Bradford. Paddy Lar conhecia bem o ferreiro e se adiantou para evitar a catástrofe:

— A morte de Ted provocou grande inquietação no povoado, Xerife — preferiu dirigir-se a Rob Bradford. — Afirma-se que foi morto por um pistoleiro recém-chegado, conhecido em vários territórios como um mensageiro da morte. Uns afirmam que ele matou porque gosta de matar, outros que Ted mereceu o castigo. Na verdade, a maioria afirma que Ted tentou violentar Julia Dart e o pistoleiro interveio em sua defesa. Agora esse Ben Lassing trabalha para Julia e mora em sua casa. Tudo isso tem dado muito o que falar e nós, os habitantes de Ring

Valley, queremos esclarecer os fatos. Para tanto seria necessário...

— Lembre-se de que não está pronunciando um discurso — cortou o xerife.

— O xerife tem razão, Paddy. Vá direto ao assunto — apoiou Leo.

Só então Vai Deed, conseguindo dominar os seus ímpetos primitivos, falou com clareza:

— Muito simples, Rob: queremos que a morte de seu irmão seja investigada. Se houve desmando por parte do forasteiro, que ele seja devidamente punido. Caso contrário, que o caso seja esquecido, dando-se a Ben Lassing oportunidade e garantias para que viva em paz neste território, na hipótese de ele querer continuar entre nós. . . .

Rob Bradford mostrou-se nervoso, inseguro. Virou a cabeça como se pedisse socorro ao irmão, que interveio:

— Muito interessante. Que ocorreria se o xerife os mandasse para o inferno?

— Leo Bradford! — rugiu o ferreiro, dando a impressão de tornar-se ainda mais agigantado.

— Você bem sabe que não se deve apertar demais o bridão em um potro selvagem! Até agora Ring Valley tem podido suportar a tirania dos Bradford, porém está chegando ao limite da tolerância!

— Você fala demais, ferreiro! — rebateu Leo.

— As palavras podem transformar-se em laços de força. ..

—Tem razão, Leo Bradford — interveio Paddy Lar, com ameaçadora tranqüilidade. — Por isso mesmo será melhor você falar menos. Vá direto ao assunto: qual a resposta à nossa proposta? Responda você, já que o seu irmão nem para isso tem coragem.

Foi como uma chicotada no rosto de Rob Bradford, que, em vez de reagir violentamente, encolheu-se ainda mais atrás da personalidade do irmão. Este pareceu gostar da declaração explícita de sua superioridade. Até sorriu ao responder:

— Voltem e digam a todos, no povoado, que será feita a investigação. Mais ainda: será pública. Ninguém poderá alegar trapanças.

Os rostos de todos, de ambas as facções, refletiram grande espanto. Vai Deed e seus acompanhantes ficaram boquiabertos diante de tanta facilidade e os pistoleiros de Leo Bradford simplesmente não entenderam tamanha reviravolta em sua atitude.



## **CAPÍTULO SÉTIMO**

Vai Deed era casado com uma mulher que fora, em solteira, motivo de grandes paixões e discórdia entre amigos de infância, tendo sido, inclusive, a causadora involuntária de alguns fracassos matrimoniais.

O agigantado ferreiro se impusera como mais credenciado a desposar a bela mulher não só por sua força física e sua boa estampa, como também por seu inerente cavalheirismo que a ela encantara e a todos desconcertara. Certa feita, após vencer aos murros um forte adversário na batalha pelo coração da ruiva, teve a dignidade de afirmar, perante várias testemunhas boquiabertas:

— Isso foi só para mostrar que não tenho medo de você, porque mulher

não é fêmea de animal e não deve ser conquistada aos bofetões. Agora ela decidirá com qual dos dois quer ficar. Se ela me escolher, Burt, tenha juízo e afaste-se de nosso caminho, mas fique certo de que se for você o escolhido desaparecerei de Ring Valley.

— Baixou a cabeça para concluir, sussurrando:

— Seria o meu fim. . .

Estará longe de suspeitar que, com essas palavras, tornava-se o eleito de Mary Anne.

A união parecia naturalmente inevitável porque ele e a ruiva se entendiam sem se falar. Por isso, quando o ferreiro entrou em casa, a ruiva não lhe fez perguntas: era evidente que tivera, uma vez mais, o dissabor de avistar-se com um dos Bradford. Jantaram em silêncio e Vai Deed meteu-se na cama, deixando Mary Anne entregue a lúgubres

presságios. Ela não duvidava de que, mais cedo ou mais tarde, ocorreria o choque definitivo entre seu marido e um dos Bradford.

Mary Anne ouviu o ruído de cascos se aproximando de sua casa e estremeceu. O ruído cessou diante de sua porta. Ela correu à janela da sala para ver. Um luar esplendoroso iluminava dez ginete. Todos desmontaram e Mary Anne reconheceu aquele que se adiantou aos demais: Leo Bradford.

Leo bateu com força e num instante Vai Deed estava ao lado da esposa, que tremia dos pés à cabeça.

— Mary Anne, vá ficar com as crianças, para que não se assustem — disse o ferreiro, empurrando-a delicadamente pelo ombro. — Depressa!

Empunhava um rifle.

— Não saia, Vai! — implorou Mary Anne.

— Pode desaparecer pelo curral. Eles nada me farão se me encontrarem sozinha com as crianças.

Vai Deed tomou-a nos braços, beijou-a e murmurou com doçura:

— O homem que recebeu do Senhor a graça de ter você e os quatro filhos que me deu não pode fugir de nada, querida. Se eu fugisse, até você acabaria me desprezando. Confie no Senhor e vá depressa para junto das crianças.

Ela obedeceu e Vai Deed abriu a porta. Leo Bradford empunhava um Colt na mão esquerda, apontando-o para o ventre de Vai Deed.

— Olá, ferreiro — sorriu com revoltante cinismo. — Decidi que seria injusto o deixar na cama com um luar como este e vim convidá-lo para ver a lua conosco.

— Vá para o inferno! — grunhiu Vai Deed.

— Direto ao assunto, Leo Bradford: que está buscando?

— Eu já disse, ferreiro: viemos convidá-lo para uma agradável passeio ao luar. Queremos refrescar-lhe as idéias, entendeu?

Vai Deed iniciou um movimento de revolta, porém se conteve ao contar, de relance, dezenove Colts. Leo só usava o revólver esquerdo.

— Quietos, se não pretende deixar uma viúva em flor... — rosnou Leo, recuando o cão do Colt. — Mais de um se apressaria a tomá-la para esposa. Vamos, trate de se mexer!

Vai Deed compreendeu que seria cozido por balas e obedeceu, montando em um cavalo que haviam trazido os homens de Leo. O grupo se movimentou, parando de novo diante da casa do ex-xerife Paddy Lar, que era

solteirão e morava sozinho. A cena se repetiu e pouco depois Lar juntava-se ao grupo que rumou para fora do povoado.

Havia uma zona pantanosa a duas milhas para Oeste, perto de onde o rio despencava em ruidosa cachoeira. A cavalgada tornou-se difícil no terreno pantanoso. Pararam a certa altura e Leo Bradford olhou em redor, afirmando:

— Bem, chegamos ao fim da viagem. Espero que até agora tenham gostado do passeio. De agora em diante não poderei garantir satisfação.

— Maldito falastrão! — rosnou o ferreiro. — Que idéias sinistras meteu nessa cabeça podre?! Resolveu acabar conosco?

— Oh, não, ferreiro, ninguém pensou numa coisa dessas! — sorriu Leo Bradford, com auto-suficiência. — Apenas lhes daremos uma lição para

que se mantenham afastados de assuntos que só competem ao xerife de Ring Valley. Adiante, rapazes. . .

Os nove homens fortes que o acompanhavam lançaram-se sobre Vai Deed e Paddy Lar, que não conseguiram se esquivar dos seus murros e pontapés. Em poucos minutos e a despeito de revidarem com igual brutalidade, derrubando alguns atacantes, Paddy Lar e Vai Deed começaram a ver tudo fosco e despencaram. Leo Bradford testemunhou o espancamento com a indiferença de quem vê casualmente, de uma janela, os transeuntes na rua. Um de seus homens se aproximou dele, gotejando sangue do nariz.

— Esse animal é forte como uma mula! — referiu-se a Vai Deed. — Se eu estivesse sozinho, teria fugido. Não me envergonho de dizer.

— O outro não fica atrás... — resmungou um pistoleiro ruivo, muito alto, com o rosto visivelmente avariado pelos murros de Paddy Lar.

— Quase me matou com suas patadas! Não quero nem pensar. . .

— Chega de protestos — cortou Leo Bradfod.

— Quem choraminga é mulher. Vamos. Agora estou certo de que os murrinhentos do povoado saberão interpretar devidamente esta mensagem.

— Que fazemos com eles? — quis saber um pistoleiro.

— Vamos deixá-los onde estão — decidiu Leo Bradford. — Que voltem a pé, se não forem devorados pelos coiotes.

Partiram levando os cavalos que haviam usado para trazer Vai Deed e Paddy Lar.



## **CAPÍTULO OITAVO**

Ben Lassing alertou-se com a rapidez própria do homem habituado ao perigo.

Passos leves, ligeiros, aproximavam-se da estrebaria.

O cavaleiro negro saltou, colou-se à parede a um lado da porta e esperou, tenso. — Você está aí, Ben?

Ele sentiu deliciosa sensação, embora sem saber como poderia desfrutar da presença de Julie sem lhe causar decepções. Afinal, ele era um pistoleiro sem experiência no trato com mulheres direitas. Julia Dart penetrara o seu íntimo sem que ele pudesse evitar, primeiro como vítima de um tarado, depois como agradável companhia

e, por fim, como a criatura imprescindível na vida do homem: a mulher honesta, casadoura e... terrivelmente sensual.

Julie entrou na estrebaria e murmurou, esforçando-se para ver-lhe o rosto na escuridão:

— Pensei. . . pensei que você tivesse partido, Ben. Chego a imaginar algo por trás das montanhas chamando-o para continuar vagando por este mundo, sem ninguém ao seu lado.

Ele demorou para responder, falando muito baixo:

— Algum dia terei de partir, Julie. Os homens como eu sofrem a maldição de seu passado e têm de seguir sempre adiante, mal recebidos por toda a parte até. . . — calou-se.

— Por que, Ben, por quê?! Todo homem tem o direito de se fixar em algum lugar e começar vida nova.

— Sua fama não se extingue com isso, Julie — rebateu Lassing. — Se o homem continua em sua vida de pistoleiro, cedo ou tarde esbarra com outro mais ligeiro no gatilho; se muda de vida e troca de nome, acaba sendo descoberto por outro pistoleiro e ressurgem os desafios, quando ele já está destreinado no uso das armas. Todo pistoleiro é um homem condenado, Julie.

— E se ele apenas muda de vida, conservando o seu nome, Ben? Por muito tempo ninguém ousará desafiá-lo e. .

— Não adiantaria, Julie. Deve ser maldição dos céus. Todo pistoleiro é acompanhado por um cortejo de almas que ele expulsou deste mundo a tiros. Não posso mudar o destino, embora tenha pensado bastante nisso depois que a conheci.

A declaração de amor, implícita, saiu espontaneamente, fazendo Julia Dart estremecer de emoção e se descontrolar, exclamando:

— Você não partirá! Não partirá! Você é o meu... o meu homem!

Ben Lassing baixou a cabeça, arrasado, desejando tomá-la nos braços mas certo de que se o fizesse não teria coragem de partir e, com isso, causaria a infelicidade de uma mulher que merecia pertencer a um homem honrado, trabalhador, de passado limpo, capaz de entrar na Igreja dominical sem se sentir deslocado.

Julia Dart insistiu, cada vez mais empolgada:

— Não pode me abandonar aqui, sozinha, à mercê dos homens ignorantes que só vêm em mim a fêmea capaz de saciar seus instintos! Sempre haverá novos caminhos, Ben. Quero percorrer um deles com você. Se

partir, irei no seu encalço. Juro que irei!

A idéia de Julie nos braços de um dos brutos que habitavam Ring Valley abalou fortemente sua decisão de partir. Após quase um minuto de silêncio, ele admitiu, sem encarar a jovem:

— Talvez até Ben Lassing possa mudar. . . Seria maravilhoso!

— Será maravilhoso, Ben — disse ela, aproximando-se perigosamente. — Seu passado terminou quando nos conhecemos e eu exijo o direito de ajudá-lo a construir o seu futuro. O nosso futuro. . .

Como resistir a uma mulher que, além de bela e extremamente sensual, era tão impositiva no amor? Ben Lassing tomou-a nos braços para beijá-la com fúria, porém afastou-a depressa, tenso.

— Que foi, Ben?! — assustou-se Julia Dart. — Pssst! Ouço o ruído de cascos se aproximando. Devem ser muitos cavaleiros.

— Mas... eu não ouço nada. . .

— Fique em silêncio e não se mexa daqui, Julie. Talvez seja gente dos Bradford e não quero que seja alcançada por alguma bala perdida.

— Não responda se chamarem, Ben!  
— gemeu Julia Dart, segurando-o pelo braço. — Você acha que são muitos e..  
.!

— Confia num homem que se oculta atrás das saias de uma mulher quando surge o perigo?

— Não é isso, Ben. Há grande diferença entre enfrentar um perigo comum e suicidar-se. Está sozinho e os Bradford costumam reunir dez a vinte-homens para as suas incursões criminosas.

— Não é à toa que me visto de preto, Julie. É mais fácil encontrar uma agulha do que me localizar dentro da noite. Tenho muitos anos de experiência no "ofício". Agora, obedeça e confie em mim.

Era a primeira vez que Julia Dart obedecia a outro homem que não o seu pai e também a primeira em que confiava em alguém.

— Está bem, meu amor, mas seja prudente. Lembre-se de que eu só tenho você e não resistiria se.. .

— Esqueça essas coisas sinistras — sorriu Ben Lassing, cuja tranqüilidade espantou Julia Dart. — Não se mexa daqui.

Encaminhou-se para a saída da estrebaria e Julia olhou pela fresta da parede de tábuas, dando um suspiro de alívio.

— Oh, Ben, que bom! — exclamou. — Não são os homens dos Bradford. É

o oráculo Bart Fare com gente conhecida. Bart é inimigo dos Bradford.

A despeito dessas palavras encorajadoras, Lassing portou-se com o cuidado típico dos pistoleiros, saindo primeiro a fim de certificar-se. Convencido de que os homens não chegavam em atitude belicosa, fez um sinal para que Julie também saísse.

Bart Fare parou seu cavalo a pouca distância da dupla e seus acompanhantes detiveram suas montarias um pouco recuados, formando amplo semicírculo.

— Que o traz por aqui, Bart? — foi logo indagando Julia. — Faz tempo que não aparece.. . Para ser exata, desde o dia em que Ted Bradford matou o meu pai. Você estava presente, Bart.

O oráculo deu a impressão de estar prestes a cair do cavalo, de tanto que se inclinou para a frente antes de responder:



— Não entendo, Julie. Acaso pretende insinuar que ajudei Ted Bradford a matar seu pai?! Entenda que. . .

Julia Dart ergueu a mão direita, interrompendo-o.

— Não insinuei nada, Bart. Quis apenas lembrar que a minha casa se tornou lugar evitado por todos desde que Leo Bradford a declarou habitada por uma inimiga. Por isso me surpreende rever os "velhos amigos" . . .

Bart Fare viu-se obrigado a engolir a verdade amarga dessas palavras, Ring Valley se acovardara a ponto de silenciar a respeito do desaparecimento brutal de um dos seus mais representativos elementos.

Os avós de Julia tinham chegado ao vale integrando a caravana pioneira que o descobrira, antevendo nele riquezas insuspeitas. Duas gerações de homens e mulheres da família Dart

estavam enterradas no cemitério local, muitos deles chacinados pelos índios e vários assassinados por bandidos que assolaram a área.

Depois reinou a tranqüilidade até à chegada dos Bradford, cuja dominação encontrou pequena resistência de parte de homens já acostumados à vida pacífica, sem a disposição guerreira de seus ancestrais. Laços de amizade e até sangüíneos não foram suficientes para coligar os homens de Ring Valley contra os intromissores, que dirigiam o vale ao seu bel-prazer, cometendo impunemente as maiores barbaridades. Julia compreendeu o embaraço do velho oráculo e foi direto ao assunto:

— Enfim, Bart, deixemos o passado e cuidemos do presente. Que os fez vir até esse lugar proibido?

A interrogação centrou o problema, deixando o oráculo à vontade para falar.

— Viemos conversar com Ben Lassing — disse ele, olhando para o forasteiro. — As coisas mudaram em Ring Valley, menina — dirigiu uma olhadela para Julia. — Reconhecemos que o nosso comportamento foi vergonhoso e decidimos fazer frente aos Bradford. Acontece que Ben Lassing. . .

À medida que ele falava Julia sentia o sangue ferver. Aquele bando de covardes pretendia escudar-se na valentia ao cavaleiro negro para desafiar os Bradford e seu bando de pistoleiros.

Era absolutamente certo que o abandonariam caso fracassasse a primeira tentativa. Deu um passo, visivelmente disposta a escorraçar os visitantes, porém Lassing se adiantou a ela, dizendo:

— Está bem, amigo, eu sou Ben Lassing. Que desejam de mim?

Abriu-se um parêntese de silêncio, porque Bart Fare e seus companheiros não estavam acostumados a encarar diretamente os problemas. Eram homens rudes, habituados a esticar os assuntos com circunlóquios desnecessários para dar tempo aos cérebros curtos. Fora precisamente essa lentidão mental, alicerçada em honestidade, que facilitara a dominação pelos Bradford. E, apesar de bem falante, Bart Fare não era uma exceção:

— Escute, Lassing, já ouviu o que disse Julie — começou. — Provavelmente ela lhe explicou, mais ou menos, como estão as coisas em Ring Valley. De qualquer forma, poderíamos falar um pouco a respeito e. . .

— Será melhor entrarmos — cortou Julia, conhecedora que era da lentidão mental daqueles homens. — Farei café. Poderão fumar seus cachimbos e conversar sem pressa. De acordo?

A sugestão foi recebida com risadas, porque todos viram nela uma fuga momentânea à dura missão de atrair Ben Lassing para a sua causa.

Entraram e pouco depois estavam instalados na sala, diante de acolhedora lareira, cada qual tendo na mão fumegante caneca de café fresquinho. Havia grande alegria quando Bart Fare, não se contendo, declarou:

— Caramba, filha, não posso olhar para você sem ficar envergonhado! Já se passaram dois anos desde que mataram seu pai e, a não ser quando viemos para enterrar Clara... — interrompeu-se, baixando a cabeça, ante o silêncio instantâneo de todos.

Essas palavras evocaram em Julia Dart os piores momentos de sua vida: o do assassinato de seu pai e o da morte de sua mãe, que definhara progressivamente com a perda do marido. Ocupavam aquela cabana de troncos desde que tiveram o rancho tomado pelos Bradford com base numa hipoteca vencida, porém essa mudança não a chocara demais, porque ela continuara tendo o carinho dos pais. Com a morte destes, tornara-se uma criatura descrente de tudo e de todos, até surgir diante dela, para salvá-la das garras de Ted Bradford, o forasteiro Ben Lassing.

Este viu lágrimas em seus olhos, apressando-se a evitar as recordações:

— Como é, Bart Fare? Disse que queria conversar comigo e até agora ainda não disse nada de útil. Fale, por favor.

O oráculo de Ring Valley engoliu em seco e falou:

— Queremos pôr fim à dominação dos Bradford em Ring Valley e achamos que você. . .

— E necessitam de um forasteiro recém-chegado para se defrontarem com os Bradford? — cortou Julia, irônica.

— Ouça com paciência, filha — pediu Bart Fare, com humildade. — Tem o direito de nos criticar, porque lhe faltamos em momentos decisivos de sua vida, porém não deve esquecer que todos nós sofremos as conseqüências de nossos erros. Estamos todos pagando por nossa covardia inicial.

Julia Dart baixou a cabeça e Ben Lassing quis saber:

— Afinal, que se propõem? Devem ter algum plano de ação.

— Algo que você disse nos deu a idéia, Lassing. Se falou sério.. .

— Seja claro — exigiu o cavaleiro negro.

— Segundo nos informaram, declarou-se disposto a comparecer perante uma comissão investigadora que tenha estudado as circunstâncias em que Ted Bradford foi morto.

— Concordei em comparecer perante um Tribunal honesto.

— Pois bem, nós obtivemos de Leo Bradford o compromisso de convocar esse tribunal, que será reunido pelo xerife na semana que vem. Leo e Rob Bradford prometeram conformar-se cora a decisão do Júri. Nós. . .

Uma risada de Julia interrompeu o oráculo, que se desconcertou. Ela deu alguns passos em sua direção, tornando-se ainda mais atraente em atitude agressiva.

— Você não passa de um velho ingênuo, Bart Fare! — exclamou. — Que espécie de jogada está tramando?



Considera Ben Lassing tolo a ponto de cair numa cilada tão estúpida? Só posso tomar essa idéia como uma brincadeira de mau gosto.. .

Bart Fare murmurou:

— Tem excesso de amargor na alma, filha. Por isso não compreende o que está ocorrendo. Eu gostaria de que você soubesse. . .

Julia cortou, melindrada:

— Não sou nenhuma ingênua, Bart Fare! Os irmãos Bradford são víboras que têm de ser esmagadas antes de se enrolarem para dar o bote. Se lhes dermos tempo para. . .

Ben Lassing aproximou-se dela, envolvendo-lhe os ombros com o braço esquerdo.

— Calma, Julie — pediu, com doçura. — Ouçamos o que Bart Fare tem a dizer. Não esqueça o que lhe disse há pouco: matei Ted Bradford e também estou envolvido na estória.

Não me sentirei livre enquanto esse caso não for definitivamente resolvido.

Houve prolongado silêncio durante o qual cada um antevia as mais sangrentas cenas em consequência da reação geral à tirania dos Bradford.

— Continue — pediu Lassing, encarando Fare. — Você afirmou que os Bradford prometeram se conformar com o resultado do julgamento. Suponho que não acreditou em tamanha desfaçatez.

O oráculo de Ring Valley se empolgou:

— Não sou nenhum idiota! Claro que não acreditei! Nem eu nem nenhum outro habitante de Ring Valley. Os Bradford não fariam jogo limpo sequer para salvar suas almas do purgatório.

— Então. . . ?

Bart Fare se levantou, andando de um lado para outro, agitado.

— Vai Deed e Paddy Lar estão acamados em consequência de uma surra, Lassing. Encabeçaram a comitiva que foi ao rancho dos Bradford apresentar o ultimato dos homens de Ring Valley. Estranhamente, Leo Bradford acedeu e, horas depois, realizou uma incursão de castigo contra Vai e Paddy. É um bandido temível e desonesto, Lassing!

Julia Dart, que até então duvidara dos propósitos daquela gente, surpreendeu-se bastante ao saber que alguns deles já haviam tomado a iniciativa, sofrendo o pronto revide dos Bradford.

Bart Fare continuou, após observar as reações fisionômicas de Lassing e Julia:

— Prevemos que ele amordaçará os jurados com dinheiro ou ameaças e promoverá a interpretação errônea das leis com o auxílio de algum juiz

desonesto. Mentirá, roubará, assassinará, contanto que seja mantido o seu domínio sobre este vale. . .

Ben Lassing ia perguntar por que ele recorria à sua ajuda, sabendo que os Bradford promoveriam uma farsa, porém ele ergueu a mão espalmada e continuou:

— Um momento, Lassing. Leo Bradford fará tudo isso, porém manterá uma aparência de legalidade e moralidade.

— Com que propósito, Fare? — argumentou o cavaleiro negro. — Se é todo poderoso em Ring Valley, pode agir abertamente.

Bart Fare encolheu os ombros.

— Não sei, Lassing, mas posso' arriscar palpites. Creio que Leo Bradford seja desses indivíduos com ambições ilimitadas e não me surpreenderia se ele sonhasse com uma carreira política com base em seu

império de Ring Valley. Primeiro, desejaria ser governador do Estado, depois Senador e, finalmente, ambicionaria a Presidência da República. Não há fronteiras para homens como Leo Bradford. Se assim for, ele há de querer manter sempre toda a aparência de legalidade em seus atos, por mais sórdidos que sejam.

Ben Lassing admirou o tirocínio do oráculo Bart Fare. Aquele velho via claramente onde os demais habitantes simplesmente não enxergavam. Sacudiu a cabeça em sinal de assentimento e Fare continuou:

— Em face de tais possibilidades, resolvemos apelar para você, visto. . .

— Isso já foi dito, Fare. Tem algum plano? —Evidentemente — sorriu o oráculo. —

Rob e Leo Bradford arranjarão tudo de modo que você seja declarado culpado, podendo Julie ser apontada

como sua cúmplice no assassinato de Ted. Então, teria início a caça aos criminosos e . . .

— Está ciente do que isso significa?  
— cortou Lassing.

Julia Dart, nervosa, quase gritou:

— Seremos perseguidos como cães raivosos e qualquer um terá o máximo prazer em nos matar! Teremos a cabeça a prêmio!

— Certo. Justamente por isso. . .

— Continuo esperando uma explicação sobre seus planos, Fare — cortou Lassing, impacientando-se com a lerdeza do oráculo. — Que está esperando para abrir o jogo de uma vez?

— Caramba, Lassing, por que não entende nossa situação?! — desgostou-se Fare. — Precisa entender que somos criadores, gente pacífica desacostumada a ver sangue.

Temos dificuldade para encontrar as palavras adequadas, pois não queremos que nossa idéia seja interpretada como monstruosidade.

— Está bem, levarei isso em conta. Agora, use as palavras que ache melhor e me explique o seu plano de uma vez. Estamos perdendo tempo enquanto os Bradford devem estar tomando as suas providências.

— Certo — admitiu o oráculo. — Bem, eis o que queremos: você comandará os homens de Ring Valley, organizando grupos de combate. Dará as ordens e nós obedeceremos cegamente, certos de que empregará todos os seus conhecimentos de. . . — interrompeu-se.

— De pistoleiro profissional — concluiu Lassing, com um sorriso irônico.

— Não é isso. . . murmurou Fare, desconcertado. — Eu ia dizer sua experiência de homem andejo.

— Está bem, Fare, desculpe minha interpretação errônea. Continue.

— Estivemos pensando seriamente no assunto e chegamos à conclusão de que o melhor será prosseguirmos com essa estória de julgamento, aproveitando a oportunidade para afirmar o império da Lei. Se conseguirmos que o Júri rejeite as pretensões dos Bradford e dite uma sentença justa, por cima do medo e do egoísmo, novos caminhos serão abertos para os habitantes deste território. Silêncio.

Lassing sentiu no braço o aperto da mão de Julia, entendendo que ela era inteiramente contrária àquela tática por temor de que ele fosse condenado à força por um júri comprado pelos



Bradford. Julia queria que ele rejeitasse a proposta.

Sorriu, desvencilhando-se carinhosamente da mão da jovem para meditar ligeiro. Vivera situações semelhantes em outras paragens da União e sabia que os cidadãos honrados se tornam piores que os criminosos profissionais quando ultrapassado seu limite de tolerância frente aos desmandos. Via de regra o sangue corre descontrolada-mente e muita gente perde a vida em choques brutais.

— Que diz, Lassing? —  
impacientou-se o oráculo.

— Vou ajudá-los, Fare.

A comitiva trocou olhares de contentamento e o cavaleiro negro prosseguiu, com voz grave:

— Mas convençam-se de uma coisa: iremos até o final, haja o que houver. Aquele que desistir terá de me prestar

contas — alisou significativamente os Colts. — Responderemos à força com a força, à brutalidade com a brutalidade, transformando-nos em selvagens. A terra se tingirá de sangue em Ring Valley.

Os sorrisos de contentamento se apagaram, cedendo lugar a caretas de espanto. Aqueles homens trabalhadores não estavam acostumados àquele tipo de reação ,e Ben Lassing pareceu, naquele instante, um cavaleiro do apocalipse disposto a arrasar o território com a sua conivência. Lassing compreendeu sua primeira vacilação ante o possível terrorismo que se propunha implantar e insistiu, com um sorriso capaz de gelar uma brasa:

— Conforme acabo de dizer, aquele que desistir no meio do caminho me prestará contas. Não pode haver desistências, porque nos defrontaremos com pistoleiros experimentados,

lutadores profissionais que não se assustam com gritos e ameaças. Para vencer essa gente só um meio: brutalidade. E isso significa muito sangue derramado. Estão dispostos?

Julia Dart meteu-se com grande nervosismo: — Não faça isso, Ben! São todos uns coiotes covardes! Eles o abandonarão sozinho ao menor contratempo! Tremem de medo diante dos Bradford! Acostumaram-se a isso nestes últimos anos e não podem mudar de repente!

Bart Fare se empertigou e seus cabelos brancos, longos, cintilaram à luz do lampião.

— Há muita verdade no que diz, filha — admitiu. — Talvez alguns se acovardem por estarem acostumados a ceder, porém nenhum, ouviu bem, nenhum de nós atraiçoaará Ben Lassing deliberadamente.

Fez ligeira pausa e olhou para os seus acompanhantes, concluindo:

— Falo assim baseando-me no que fomos até agora, mas vocj há de compreender, filha, que não se pode adivinhar de que serão capazes os habitantes de Ring Valley diante de uma situação de fato. Afinal, somos todos descendentes de pioneiros, trazendo no sangue. . .

— Está bem, Fare — cortou Lassing. — Realmente, ninguém pode antever o futuro em situações como a atual. Talvez alguns se revelem heróis e outros. . . A esta altura dos acontecimentos só podemos estar certo de uma coisa: foi dado o passo inicial para banir os Bradford e o que tiver de acontecer acontecerá, com ou sem rasgos de valentia. Tornou-se impossível recuar, a menos que pretendam se tornar cada vez mais escravos dos Bradford.

— Não! — protestaram todos, em coro.

— Então, podem contar comigo. Agora, se me permitem, vou apanhar água para os potes da cozinha.

Nunca os potes de Julia Dart foram cheios tão depressa, graças à colaboração voluntária dos membros da comitiva do oráculo Bart Fare.

## **CAPÍTULO NONO**

O céu estava encoberto, escurecido por nuvens muito baixas, e ventos fortes varriam as ruas de Ring Valley, levantando enormes aglomerados de poeira da terra afogada pela constante passagem de rebanhos.

De vez em quando uma silhueta fugidia atravessava uma das ruas e desaparecia num portal.

Havia em tudo o prenuncio da tormenta.

No salão da Prefeitura, Leo Bradford examinava ameaçadoramente a meia dúzia de sujeitos abatidos que se haviam instalado em cadeiras especiais, a um canto. Eram os jurados.

Os pistoleiros dos Bradford se achavam alinhados ao longo das

paredes, à espera de um sinal para dar vazão aos seus instintos sanguinários.

Leo falou com entonação metálica:

— Escutem, homens, todos já sabem por que estão aqui. Vamos realizar uma investigação para determinar as circunstâncias em que o meu irmão Ted foi morto. Eu gostaria de esmagar pessoalmente a cabeça do assassino, porém vocês foram nomeados jurados e eu, como cidadão ordeiro de Ring Valley, estou disposto a acatar sua decisão. Será cumprida a vontade da maioria, em irrefutável demonstração de que somos uma democracia. . .

Fez uma pausa de efeito psicológico, caminhando até diante dos jurados. Seu rosto era um primor de cinismo.

Continuou:

— Você, Malone, sabe o que esperamos de sua atuação no Júri? Sabe avaliar sua responsabilidade ao

decidir sobre a sorte do pistoleiro Ben Lassing?

O referido Malone, figura enfermiça, estremeceu ao se saber objeto da tenção do temível Leo Bradford. Nervoso, murmurou apressadamente:

— Claro que sim, patrão, claro que sim. . . Sei perfeitamente. Eu sempre cumpri as suas ordens. Ben Lassing não é mais que um pistoleiro alugado por Julia Dart para matar o bondoso Ted Bradford. Agora Julia e Lassing moram juntos e se tornaram um perigo constante para a comunidade. Temos de esmagá-los, porque, se o Júri não condenar essa dupla, uma tempestade desabará sobre os jurados e. . .

— Idiota! — rugiu Leo Bradford, fora de si. — Pretende soltar essas besteiras durante o julgamento?!

Agarrado pela gola da camisa, Malone empalideceu intensamente,



sem entender como desagradara o seu patrão.

— Meta isto na sua cabeça, seu cretino! — continuou Leo Bradford. — Só espero de você que, quando o juiz Ray Milton fizer um resumo do caso, que será uma repetição do que acaba de dizer, você se limite a declarar Ben Lassing culpado de homicídio na pessoa de meu irmão! Isso e nada mais, entendeu, estupidarrão?! O xerife se encarregará do resto. . .

Quando Leo largou a gola da camisa, Malone sentou-se atabalhoadamente e caiu para trás com cadeira e tudo, sendo impedido de ir ao chão por um companheiro de júri, que o amparou a tempo.

— Sinto muito, patrão. . . — murmurou. — Eu.. . queria dizer justamente isso. . . não pensei que...

— Ninguém exigiu de você que pense, Malone. Isso cabe exclusivamente a mim.

Leo Bradford pôs as mãos às costas e passeou diante dos jurados como um sargento da Legião

Estrangeira inspecionando o seu pelotão de anônimos. Parou e, encarando os jurados, declarou, mais calmo:

— Bem, o que eu disse a Malone foi dirigido a todos, entendido? Agora, dêem o fora. Mandarei chamá-los quando tenham de atuar.

Os dois irmãos Rob e Leo ficaram sozinhos com seus pistoleiros, que se mantinham imóveis como estátuas, ao longo das paredes.

— Diabos, Leo, eu cada vez entendo menos! — rosnou o xerife. — Por que toda esta farsa, se Ring Valley já nos pertence? Podemos fazer o que nos dê na telha sem que haja reações. Seria

melhor caçarmos Ben Lassing como a um lobo e acabar com ele. Enforcaremos esse atrevido na árvore da Praça Central e, além de nos livrarmos dele, daremos um aviso a todos os cretinos deste povoado. Depois... .

Esbarrou com o olhar gélido do irmão e calou-se. Este murmurou com sarcasmo:

— Mais uma de suas idéias geniais...

— Caramba, Leo, você sempre aprovou a ação direta! Por que não aprova este plano?

Leo Bradford sacudiu a cabeça com ares de superioridade.

— Você só tem uma parte do corpo que não serve para nada, Rob: o cérebro. Simplesmente não entende nada. Vai Deed deixou bem claro a situação em Ring Valley ao declarar que não se deve retesar demais a corda

dos potros selvagens, que se deve permitir que eles sigam em parte os seus impulsos instintivos. Os homens são como os corcéis, Rob. Necessitam de uma direção flexível. Ring Valley já suportou o que era capaz de suportar e não devemos permitir que se levante contra nós.

Acendeu um cachimbo fedorento, deu algumas chupadas e sacudiu a cabeça afirmativamente várias vezes, aprovando, sem dúvida, pensamentos ajuizados.

Rob olhava-o com um misto de temor e admiração. Reconhecia a superioridade mental do irmão porém, ao mesmo tempo, intuía uma falsidade indefinível em seu raciocínio, em seus argumentos impositivos.

Cocou o queixo barbudo e também afirmou com a cabeça ao reconhecer que as coisas haviam transcorrido às

mil maravilhas, até então, sob a liderança de seu irmão mais moço.

Leo Bradford tinha certo quê de jogador profissional que o levava a prolongar as partidas até limites muito estreitos. Soprou devagar uma baforada malcheirosa e continuou, agora em voz baixa:

— Não viemos para estas terras com o único objetivo de nos apoderarmos delas e criar um império, Rob. O que fizemos aqui será apenas o começo de empreendimentos muito maiores. Pretendo tocar o céu com as pontas dos dedos.

Não há barreiras para a minha ambição. Construirei algo realmente grande e importante!

O xerife se mexeu na cadeira, inquieto, cada vez mais assustado com a repentina explosão de grandeza do seu irmão caçula, até então o senhor incontestado do condado de Ring Valley.

Sempre que Leo sonhava em voz alta ele sentia vertigens e compreendia que seria levado por ele a grandes alturas das quais despencariam repentinamente para jamais se reerguerem. Olhou inexpressivamente para o irmão quando este voltou a falar, agora em tom normal:

— Ray Milton é o juiz designado pelo governador. Fará o que mandarmos, desde que a farsa lhe dê uma oportunidade de mostrar-se homem honesto e desinteressado. Tem ambições políticas mas aceita suborno, cobrando bem caro, o que não nos assusta. Contudo, justamente por suas ambições políticas, não hesitará em nos abandonar repentinamente caso veja comprometida a sua posição social.

— Milton é um salafrário como qualquer outro, Leo — comentou o xerife, num arroubo de valentia. —

Posso amansá-lo a meu modo, sem termos de gastar um centavo. Juro que.. .

— Cale o bico de uma vez! — estourou Leo. — Estou farto de ouvir as suas tolices!

Rob se encolheu como se tivesse levado uma chicotada, ficando os dois em silêncio sob os olhares divertidos de seus pistoleiros, que não ousavam rir. Antes que os Bradford voltassem a falar, a porta se abriu e o sardento Ringo entrou intempestivamente.

— Patrão! — declarou, ofegante. — Um sujeito que vê-lo. Disse que. . .

Não terminou porque alguém o empurrou da porta, entrando no salão da Prefeitura.

Era um gigante com pelo menos sete pés de altura, apolíneo, todo de cinzento, com botas, cinturões de balas e coldres marrom claro, bem engraxados. Chapéu cinza escuro de

copa achatada e abas estreitas. Rosto longo bem escanhoado, olhos verdes, nariz aquilino. Dedos compridos de unhas bem cuidadas, aparentando ser jogador profissional. Os Colts tinham os cabos um pouco tombados para a frente, em posição de sacar.

— Deixe que eu me apresento, baratinha de armazém — declarou ao sardento Ringo, que apertou os lábios mas não ousou desafiá-lo, tal o seu aspecto de homem mau. — Fora!

Leo Bradford moveu a cabeça afirmativamente e Ringo manteve-se quieto.

— Eu esperava por este homem. . .  
— justificou Leo, notando que seu pistoleiro sentia-se humilhado.

Ringo oscilou nas pernas arqueadas, com as mãos balançando a curta distância dos revólveres, detalhe que o agigantado pistoleiro de cinza notou, sorrindo com desdém.



Rob Bradford contemplava o gigante com olhar interrogativo, esforçando-se para adivinhar quem ele era e qual o motivo de sua chegada naquela ocasião. Sua curiosidade durou pouco. Leo se adiantou, estendendo a mão numa saudação amistosa.

— É um prazer vê-lo, Mat Dorse. Chegou no tempo justo.. .

Leo Bradford se interrompeu, desconcertado, e sua direita foi descendo aos poucos, sem que Dorse a estreitasse.

Amplo sorriso deformou a cara comprida do gigante.

— Não fique sentido, Leo Bradford — declarou. — Há um motivo justo: antes de mais nada, eu poderia quebrar seus ossos inadvertidamente; depois, não gosto de ter ocupada a mão que uso para sacar primeiro. Só emprego a esquerda em último recurso.

Rob interveio para atenuar a tensão:

— Ah...! Então, você é o famoso "Quick" Mat1...

— Certo. Como se chama, amigo? Não o conheço. . . ainda.

Leo se adiantou:

— É o meu irmão Rob e também o xerife de Ring Valley.

"Rápido" Mat.

Uma gargalhada metálica, ensurdecadora, ecoou pelo salão da Prefeitura, desagradando os pistoleiros de Leo Bradford, que a tudo assistiam silenciosos.

— Ah, ah, ah. . .! Então, vou trabalhar do lado da Lei, hem? Isto é, se chegarmos a um entendimento satisfatório sobre este assunto.

Rob voltou-se ligeiro para o irmão.

— De que está falando Mat Dorse?  
— quis saber. — Começa a manobrar deixando-me de fora?!

Leo encolheu os ombros.

—Ora, Rob, não comece com isso. Pretende criar dificuldades? Desde quando controla as minhas atividades?

Era evidente o ressentimento de Rob. Não queria aparecer como figura apagada diante de Mat Dorse, embora viesse notando o crescente predomínio de Leo em todos os assuntos do interesse de ambos. Protestou:

— Não pretendo controlar os seus atos, mas insisto em conservar o meu posto em igualdade de condição com você. Não se iluda, Leo: nenhum homem pode caminhar sozinho, embora as aparências indiquem o contrário. Conseguimos as vitórias juntos porque separados teríamos fracassado. Creio que agora devemos colher juntos os frutos de nossos esforços.

A fisionomia de Leo endureceu. Ele deu um passo, apoiando as mãos nos

Colts como se pretendesse sacar contra seu próprio irmão.

— Cuidado, Rob! — rugiu. — Não consentirei que me ameace! Se quiser, nossos caminhos se separarão neste mesmo instante. Meta isto na cabeça, de uma vez por todas: terá de sujeitar-se à minha lei ou desaparecer de Ring Valley. Somos irmãos por termos nascido de uma mesma mulher e isso não me obriga a aturá-lo pelo resto da vida!

Durante alguns segundos todo o amargor que vinha consumindo Rob Bradford esteve prestes a transformar-se num vulcão, levando-o a cometer uma imprudência que, inapelavelmente, lhe custaria a vida, porque seu irmão não hesitaria em lhe meter uma bala na cabeça para se garantir a supremacia. Porém a marca da submissão a Leo estava muito funda em seu íntimo, de modo que ele, em vez

de sair para uma decisão final, baixou a cabeça para argumentar, magoado:

— Eu sempre lhe dei provas de absoluta lealdade, consultando-o toda vez que pretendia tomar alguma iniciativa, Leo. No entanto, você agora faz as coisas sem me falar. Mandou chamar Mat Dorse e só agora estou sabendo. Por quê, Leo?

Uma onda de orgulho invadiu todo o corpo de Leo Bradford. A humilhação de Rob o convencera de sua importância. Mostrou-se condescendente, com a magnanimidade dos soberanos:

— Está bem, Rob, talvez eu também tenha alguma culpa deste ligeiro desentendimento. Continuaremos juntos. Porém guarde isto na cabeça: formamos uma sociedade, porém sou eu quem a dirige. Está bem assim?

Rob tornou a inclinar a cabeça, em mudo assentimento, aceitando, de uma

vez por todas, a tirania de Leo sobre ele.

Mat Dorse perdeu a calma:

— Que diabo, rapazes, parem de bater boca como mulher! Não gosto de encrencas familiares, entenderam? E tem mais: quando vejo desarmonia entre os que me contratam, simplesmente desapareço. Fica difícil cobrar serviço de gente que passa o tempo todo se ofendendo mutuamente. Se continuarem.. .

Leo Bradford virou-se lentamente, defrontando-se com o gigante, no que foi imitado pelo irmão.

De repente, as barreiras que pareciam os separar desapareceram. Os Bradford mais pareciam lobos, lutando entre si, porém num instante se uniam para oferecer combate aos demais.

Leo estourou:

— Cale o bico, Mat Dorse! Contratei as suas armas e não a sua língua. Os falastrões não servem para nada!

Silêncio tenso.

Mat Dorse olhou-os cora um sorriso nos lábios. Depois, moveu a cabeça devagar, avaliando suas possibilidades diante dos quinze pistoleiros que continuavam alinhados ao longo das paredes. Conquanto não se esfumasse, seu sorriso se tornou amarelo, porque, embora não conhecesse o medo, suas andanças pelo mundo lhe haviam ensinado a tirar proveito das situações ou simplesmente aguardar melhor oportunidade.

Levava mais a sério Leo Bradford que todos os seus pistoleiros e não subestimava Rob Bradford, que também tinha fama de bom atirador.

Descansou o corpanzil em uma das pernas, em atitude visivelmente

pacífica, começando a enrolar um cigarro.

— Sinto muito, amigos. Parece que as coisas foram mal encaminhadas desde o início. Que tal começarmos tudo de novo?

Leo e Rob se olharam, taciturnos, esquecendo a ajuda que lhes prestariam os seus pistoleiros, visto se considerarem suficientes para eliminar o gigante.

Mat continuou:

— De acordo? Então, vamos recomeçar. Eu me chamo Mat Dorse. Vim em busca de um tal Leo Bradford. Algum de vocês conhece esse homem, amigos? — virou-se para os pistoleiros, a maioria dos quais achou graça e riu.

Um sorriso amplo alargava o rosto fino do gigante, emprestando-lhe o aspecto de bonachão cheio de paz e amor para a humanidade. Aspecto dos mais enganadores deste mundo...



O silêncio continuou de parte dos Bradford e ele arqueou as sobrançelas, comentando:

— Que mais esperam em matéria de colaboração?

Leo Bradford, embora jovem, era psicólogo e viu claramente nos rostos de seus pistoleiros que eles gostariam de ter para chefe Mat Dorse, que não hesitariam em abandoná-lo para formar uma quadrilha liderada pelo gigante, contemplando grandes "negócios". Demonstrou sua queda para os grandes lances políticos:

— Está bem, Dorse, poderemos chegar a nos entender se você continuar demonstrando ser inteligente.

— Claro, claro. . . — fez Mat Dorse, que também captara a incontida admiração dos pistoleiros. — Porém devo adverti-lo de que o meu cérebro só vê uma cor: a do dinheiro. Se a quantia

que tiver para oferecer não me seduzir, contemplarei a possibilidade de formar o meu próprio bando. Bons pistoleiros não faltam em qualquer lugar.... — seu sorriso, muito significativo, foi captado pelos matadores de Leo Bradford, que trocaram olhares de entendimento, cheios de esperanças.

— Será bom dinheiro — apressou-se a dizer Leo, temendo as conseqüências de uma negativa, pois não lhe passou inadvertida a alegria de seus pistoleiros. — Acha que poderá acabar com Ben Lassing?

O gigante encolheu os ombros.

— Claro. Quando quer que eu acabe com ele?

Leo sorriu, desafogado.

— Não tardará a ser iniciada, neste recinto, a investigação-julgamento na qual Ben Lassing terá o papel central. Espere até que o juiz faça o resumo da acusação e os jurados se retirem para

deliberar. A partir desse instante o caminho estará livre para você, Dorse. Apareça de repente, dando a impressão de que chegou para um acerto de contas entre dois pistoleiros. Mas deverá ser feito antes que os jurados voltem com a decisão, entendeu?

Mat Dorse grunhiu:

— Com mil diabos, Leo Bradford! Tenho uma pergunta, embora seja contrária aos meus interesses. Por que não espera o veredicto e poupa um montão de dinheiro?

Um sorriso distendeu os lábios de Leo Bradford.

— Eu disse antes que só aluguei os seus revólveres, Dorse. Ainda assim, ouça isto: um homem morto pode transformar-se em símbolo ou tornar-se um cadáver como outro qualquer, dependendo de como morra. Se Ben Lassing morrer pelas mãos de outro pistoleiro, em um encontro de contas,

será imediatamente esquecido, mas se eu promover o seu enforcamento. . .

Não era necessário completar a frase.

Rob e Dorse se olharam, demonstrando ter compreendido perfeitamente.

O gigante grunhiu:

— Diabos, Leo Bradford, você sabe usar a cabeça! Esconde boas idéias embaixo do chapéu.

Ligeiro silêncio interrompido pelo xerife, que propôs:

— Vamos andando, Leo? Todos já conhecemos bem o ambiente em que Ben Lassing entregará a alma ao diabo.

Todos riram e Mat Dorse deu meia volta, encabeçando o grupo. Na rua se dispersaram e alguns pistoleiros acompanharam o gigante em direção à saída do povoado, o que inquietou bastante Leo Bradford. Ele temeu uma aliança prematura entre pistoleiros,

mas os acontecimentos mostraram o seu erro de interpretação.

## *CAPÍTULO DÉCIMO*

Ray Milton era velha raposa astuta que farejava o perigo a milhas de distância e sabia esquivar-se lindamente a tempo de não ser colhido pela tormenta.

Todos os seus conhecidos confiavam em seu "olfato" e o próprio governador do Estado, considerado hábil a ponto de enganar até um escocês, recorria a ele para missões do tipo que podiam se tornar explosivas. Milton era capaz de lhes remover a espoleta.

Ring Valley apresentava uma dessas situações e qualquer um, menos avisado, poderia atolar-se até o pescoço em suas encrencas locais. As notícias sobre o desespero dos que sofriam a tirania dos Bradford já haviam chegado ao gabinete do governador e, como o estado de coisas naquele vale ameaça

tornar-se um ponto negativo na campanha da maior autoridade do Estado para a reeleição, sua mais ajuizada iniciativa foi chamar Milton e lhe dizer:

— Vá até lá e veja se os Bradford têm o domínio completo do território, Ray. Se assim for, deverá apoiá-los incondicionalmente até o final; caso contrário, avise-me depressa e recorrerrei ao Exército para afastá-los de lá. Só me interessam os que me podem garantir votos.

Ray Milton aceitou a incumbência certo de obter novo êxito, mas após quarenta e oito horas em Ring Valley ainda se encontrava indeciso.

Era difícilimo prever quais as tendências imediatas do precário equilíbrio de forças no território.

Na verdade, Leo Bradford parecia controlar tudo. Os pistoleiros sob seu

comando constituíam uma força impressionante.

Ninguém se atrevia a opor resistência aberta. Os homens de Ring Valley eram joguetes do terror. Rangiam os dentes, furiosos, mas continuavam inativos, resignando-se com sua impotência diante dos tiranos.

Não obstante, Ray Milton hesitava, inquieto.

Havia pequenos indícios, choques transitórios, perigosa tensão no ambiente.

Sob a aparência de tranqüilidade latejava poderosa ânsia de libertação que o juiz venal sabia captar.

Ring Valley se agitava, rugia sem produzir ruído, mobilizando-se para a eclosão final.

Enquanto isso, Milton sofria de vertigens sob os efeitos de sua incurável cobiça e Leo Bradford, que conhecia os homens, sabia que o ouro



era o melhor anzol para "tubarões" do tipo do juiz.

Traçou para Milton ligeiro esboço do que lhe oferecia o futuro, caso fizesse as coisas penderem para o seu lado no julgamento de Ben Lassing.

A perspectiva de encher as algibeiras desceu opaco véu diante da inteligência do emissário do governador. A ambição, que a tantos perdeu através dos tempos, lhe sussurrava coisas melodiosas aos ouvidos.

Ray Milton entrou no salão da Prefeitura em que teria lugar o julgamento e olhou em redor. Aspecto familiar, semelhante a muitos nos quais ele atuara fazendo pender a balança da Justiça para o lado dos poderosos, gente com invejável futuro político ou ricos dispostos a desembolsar fortunas para impor os seus pontos de vista ou exercer

vingança, homens como o governador do Estado, Leo Bradford e outros.

Granjeiros e vaqueiros, ginetes veteranos e comerciantes, gente capaz de brigar a sério por um erro de centavos numa conta ou de se defrontar heroicamente com índios enfurecidos pelo álcool e pelo ódio.

As novas fronteiras necessitavam de sociedades desse tipo, mescla do bem e do mal, tão antigas quanto as peregrinações da humanidade em busca do ouro e da felicidade.

A mesa e a cadeira reservadas ao juiz estavam sobre um tablado feito às pressas.

Aos lados havia assentos para o xerife, o advogado de defesa, o promotor, o acusado e os jurados.

Em frente, fileiras de assentos para os espectadores.

Porém ali não haveria defensor nem acusador, advogado nem promotor,

sendo adotado um procedimento invulgar, com o réu ausente. No final, seria nomeado um carrasco, ou, segundo temia Ray Milton, se desataria uma guerra de extermínio entre os grupos dissidentes de Ring Valley.

Quando Milton ocupou o seu lugar o salão já estava lotado. Somente homens! Mau sinal. . .

Encostados às paredes, com as mãos apoiadas em seus Colts, vigiando o ambiente como abutres, os pistoleiros de Leo Bradford.

O juiz fingiu interessar-se por bonito candelabro de lampiões a óleo e, de soslaio, examinou os componentes do júri.

Nada de invulgar.

Gente rude, tostada pelo sol das campinas, homens habituados a enfrentar as inclemências do tempo para campear e reunir manadas, le-

vando-as em segurança a lugares distantes.

Conteve um sorriso. Aqueles ingênuos não tinham condições para lutar contra profissionais do crime. Seriam pobres ovelhas diante dos lobos vorazes aliciados por Leo Bradford.

A menos que alguém surgisse ostentando excepcional capacidade de liderança para galvanizar o seu desespero, sua ânsia de libertação, sacudindo sua combatividade latente desde o banimento dos índios daquele território.

A visão do que seriam capazes aqueles homens rudes, primitivos, sob o comando de um chefe valoroso, pôs de pé os escassos cabelos que ainda quebravam a monotonia da careca de Ray Milton.

Para afastar esses pensamentos sinistros ele iniciou sem rodeios o "julgamento". Bateu na mesa exigindo

silêncio, por mero espírito de rotina, pois o silêncio era tal que se ouviam as moscas em seus vôos erradios.

Todos os olhos se voltaram para ele.

Essa atitude silenciosa foi por ele interpretada como desastroso prenuncio. Aquela gente estava tensa, à espera da centelha que desse início ao conflito.

Iniciou a sua fala gesticulando exageradamente para impressionar seus humildes ouvintes:

— Amigos, estamos reunidos para apurar os fatos verídicos relacionados com a morte de Ted Bradford, um de seus cidadãos mais importantes e representativos — tirou da manga do paletó um lenço, com gestos teatrais, enxugando inexistente suor da testa. — Infelizmente o homem que o matou não teve a hombridade de se apresentar diante de nós, embora tenha dado a sua palavra de que o faria caso se

reunisse um júri honesto. Ben Lassing.. .

A entrada do homem citado, com sua estatura avantajada, seu traje negro, seus Colts e suas tilintantes esporas mexicanas, prateadas, foi um jato de água fria no calor oratório de Ray Milton.

O juiz olhou fixamente para o recém-chegado e tentou aparentar serenidade, esforçando-se para dominar o calafrio que lhe percorreu todo o corpo.

Grunhiu:

— Será, acaso, Ben Lassing apresentando-se para ser julgado? Ora viva! Sente-se ali — indicou a cadeira destinada ao réu. — E lembre-se de que todos temos o dever de ajudar e cooperar com a justiça e seus servidores. Você, Ben Lassing, devia ter sido o primeiro a chegar a este recinto. Sua atitude constitui um desacato à

dignidade deste Tribunal. Depois cuidarei desse aspecto da questão. Agora...

Teve novamente que silenciar, arqueando as sobrelanceiras com admiração.

Julia Dart, o abismo de solteiros e casados, ! sonho dourado de muitos homens honrados e pistoleiros, acabara de surgir na porta. Usava um traje vaporosíssimo com um decote comum ! nos grandes ambientes do Leste mas estremecedor naquelas paragens.

Apesar de cinqüentão, Ray Milton sentiu-se como um musíang em pleno cio. Suas narinas se dilataram e seu coração disparou.

Todos os homens ali presentes, sem uma única exceção, sofreram o mesmo impacto.

Ela, com a leveza e o chie de uma dama da Corte de França, desfilou sua figura sensacional por entre as cadeiras

até se instalar bem perto do réu, dirigindo-lhe um olhar esfogueado que disseminou inveja entre os machos ali reunidos.

Após sentar-se com uma rabanada de mulher orgulhosa, Julia Dart encarou o Meritíssimo, afirmando:

— Considero a minha presença aqui tão importante quanto a de Ben Lassing, ou mais. Ele se limitou a me defender dos ataques de um animal primitivo, indigno de ser chamado homem. Eu sou a vítima. Imagina o Juiz que alguém, a não ser eu, poderá dar um testemunho fiel do que ocorreu?

Um desespero estonteante invadiu Milton. Os acontecimentos estavam escapando ao seu controle.

Amaldiçoou intimamente a ambição que o levara àquela situação.

Por sua vez, Lassing estivera aquilatando a personalidade do juiz



vindo de fora, não tendo dificuldade para o classificar.

Um charlatão astuto, destituído de escrúpulo, cambiante como os ventos outonais, sempre disposto a pender para o lado que lhe oferecesse mais vantagens ou provasse ser o mais forte. Não perdeu as olhadelas angustiosas de Milton a Leo Bradford, nem o nervosismo com que esfregava as mãos.

Levantou-se da cadeira de réu e avançou até postar-se de pé diante do estrado para encarar o pusilânime Ray Milton, que lutava para se equilibrar na corda bamba do terror.

Disse:

— Escute, juiz: por que não admite estar perdendo tempo? Conheci um papagaio que falou tanto quanto você até o dia em que um mexicano, cansado de ouvi-lo, torceu-lhe o pescoço. Devo revelar que ninguém lamentou a morte do papagaio falador

que um pirata espanhol teve a má idéia de trazer dos Mares do Sul. Afinal, por que lamentar, se o papagaio jamais disse coisas aproveitáveis?

Profundo silêncio, carregado de tensão, congelou o salão do tribunal improvisado. Cada homem podia ouvir o chiado de seu próprio sangue nas veias das têmporas. Seus corações batiam com muita força. . .

O cavaleiro negro prosseguiu, impassível:

— Todos sabem, em Ring Valley, em que condições e por que morreu Ted Bradford, constituindo desperdício de tempo investigar a respeito. Estou disposto a aceitar o veredicto do júri, porque nenhum homem do Oeste considerará crime matar um tarado que se propunha violentar uma mulher.

Cada palavra de Lassing produzia em Milton a sensação de levar uma

bofetada. Ele se sentia atolado no desprezo que emanava da fisionomia morena, austera, daquele pistoleiro todo de preto.

A tranqüilidade com que Ben Lassing se portava diante de tantos pistoleiros a soldo contribuía para agigantá-lo aos olhos de todos, especialmente aos do juiz mandado pelo governador do Estado.

Rob Bradford, que estava sentado ao lado de Leo, levantou-se com o rosto encarnado de ira mas antes que pudesse explodir em ameaças foi moderado pelo irmão, que lhe disse entre dentes, puxando-o pela manga do paletó:

— Não seja estúpido, Rob! Sente-se! Não abra essa boca fedorenta nem mais uma vez, ou terei de fechá-la para sempre!

Com tremendo esforço o xerife se conteve, não sem antes olhar de frente

para o rosto de Leo, cujo olhar lhe enfraqueceu as pernas, obrigando-o a deixar-se cair sentado.

Rob Bradford conhecia bem o significado das profundas rugas verticais que se formavam a cada lado do nariz e dos lábios de Leo: morte imediata para quem se atrevesse a contrariá-lo.

O inteligentíssimo Leo Bradford havia captado o verdadeiro fogo contido que se aninhara nos corações dos homens de Ring Valley, a força dominadora que os obrigava a permanecerem sentados, com falsa tranqüilidade, como bonecos inanimados.

Aquela gente rude, silenciosa, formava um bloco coeso, bem orientado, ameaçador.

Paddy Lar e Vai Deed, imóveis, tensos, pálidos, apresentando as marcas do espancamento ordenado por

Leo Bradford, encontravam-se entre os presentes.

Constituíam o núcleo em torno do qual se haviam agrupado os insatisfeitos.

Todos portavam Colts e tinham os corações envenenados pelo ódio e pelo anseio de vingança. Provocar aquela gente seria o mesmo que atear fogo ao estopim de poderosa carga de dinamite.

Ben Lassing se transformara no símbolo, na espécie de ídolo guerreiro de que eles necessitavam para recuperar a consciência de cidadãos livres do Oeste bravio.

Ray Milton afundava instintivamente na cadeira, parecendo muito mais baixo do que era, em atitude temerosa. Lamentava ter aceito a espinhosa missão.

E não via como sair daquela situação ainda respirando, já que seria impossível sair dela com um mínimo de

dignidade condizente com a magistratura de que se investira graças a cambalachos políticos no Leste.

Ben Lassing sorriu com altivez, encarando-o para indagar:

— Que responde, juiz? Use o cérebro para discenir qual a melhor solução. Por que esperar por um veredicto que de qualquer forma não será respeitado? Este é o momento para reafirmar a sua investidura. Sabe? Em minhas andanças aluguei os meus revólveres a um Juiz do Texas que se viu ameaçado de morte por ter honrado o seu título condenando à força o patife endinheirado que dominava um território. Fiz uma limpeza geral, garantindo a segurança do magistrado e ele, em reconhecimento, me ensinou muitas coisas sobre as Leis e sobre os juizes nomeados às pressas. É dentre estes que surgem os vendedores de sentenças. Se o senhor fosse inteligente

daria o fora de Ring Valley agora mesmo, porque os seus habitantes honrados já tomaram uma decisão inabalável. . .

Ray Milton sabia estar na obrigação de berrar, protestando contra o desacato à sua autoridade, via os pistoleiros de Bradford alinhados ao longo das paredes, mas também entendia, graças à sua experiência, que aqueles rancheiros, ginetes e vaqueiros se haviam tornado os soldados de uma guerra da qual ele, caso cometesse o menor deslize, seria a primeira vítima.

Ben Lassing arqueou as sobranceiras e se inclinou ligeiramente para encorajá-lo:

— Se não pretende fugir, tome uma decisão corajosa, juiz. Levo nos cinturões argumentos poderosos a seu favor. Condene os culpados de tirania e garantirei a observância de sua sentença.

Milton olhou para Leo Bradford em busca de apoio moral e este desviou o olhar. Compreendera que a farsa do juiz terminara e, por isso, olhara significativamente para Mat Dorse, meneando a cabeça.

O gigantesco pistoleiro se mantivera junto da porta tentando passar despercebido até o momento de entrar em ação.

Aquele gesto de Leo pareceu arrancá-lo de um estado latente. Ele se empertigou e, firme, avançou pisando com força. Seus passos no assoalho de tábuas ecoaram de modo sinistro.

Ben Lassing virou-se devagar, vendo-o aproximar-se. Era um fator novo na contenda com o qual não havia contado.

O pistoleiro gigantesco falou com voz tonitruante:

—Sinto interromper o seu discurso, amigo. Até que você fala bonito. . . Mas



acontece que não posso esperar mais. Vim de muito longe em sua busca.

Lassing sorriu apenas com o canto esquerdo da boca e suas pálpebras se semicerraram. Seus dedos se moveram ritmadamente numa espécie de exercício necessário ao que estava para ocorrer.

A sensação indefinível que precede uma luta de morte se apoderou do cavaleiro negro, aguçando seus instintos.

— Por que me busca? — indagou, sem inflexões na voz. — Não o conheço. Nunca o vi antes.

O gigante contraiu os músculos faciais numa careta zombeteira.

— Sou um homem dominado pelo vício da curiosidade. Ouvi falar de você em outros lugares, Ben Lassing. Afirmava-se não haver em todo o Oeste um pistoleiro capaz de sacar com a sua velocidade. Minha curiosidade me

obrigou a vir até aqui para tirar a prova. . .

As testemunhas perplexas e atentas não divisaram a menor alteração no cavaleiro negro. Era como se diante dele estivesse uma criança inocente falando de coisas vulgares.

No entanto, em seu íntimo bradavam vozes selvagens exigindo mais uma vida, novo derramamento de sangue, como se o acompanhassem espíritos malévolos empurrando-o para matar.

Mat Dorse concluiu:

— Foi somente por isso que vim em sua busca, amigo. Para lhe dizer: Saque as armas!

A figura enorme de Mat Dorse se transformara num arco com a extremidade superior voltada ameaçadoramente para Ben Lassing, que rebateu, aparentemente tranqüilo:

—Não creio numa só palavra do que disse, fanfarrão. Alguém lhe pagou para que se suicidasse diante de mim. Certas pessoas gostam de ver para crer. Não acredita em minha rapidez e quer ver. Será a última coisa que verá. Se a curiosidade é sua, está no direito de começar a festa. Quando queira, amigo.

O desdém contido nessas palavras acendeu uma fogueira de ódio no coração do pistoleiro gigante. Mataria pela satisfação de eliminar aquele maluco que ousava o desafiar!

Seus dedos compridos voaram para os Colts, sacando-os prodigiosamente.

No entanto, dois relâmpagos vermelhos amarelados pareceram surgir das mãos de Ben Lassing, atravessaram o trecho entre as cadeiras e foram direto ao peito de Mat Dorse.

As detonações praticamente simultâneas e forte cheiro de pólvora invadiram o salão, fazendo-o vibrar, deixando-o fosco.

Graças ao seu tamanho avantajado o pistoleiro gigante apenas recuou alguns passos em vez de cair imediatamente de costas. Oscilou com as mãos enormes no peito, depois de largar as armas, abriu a boca como se fosse urrar mas soltou espessa golfada de sangue e despencou ruidosamente.

Fim do temido pistoleiro Mat Dorse.

Durante alguns segundos o espanto dominou o ambiente. Os homens de bem, de um lado, atônitos por se saberem liderados pelo melhor atirador do Oeste; de outro lado, os Bradford e seus pistoleiros, custando a crer em seus próprios olhos, certos de terem perdido o seu melhor trunfo e de estarem diante de um fenômeno.

Vários fatores psicológicos mantiveram a todos imóveis até que o covarde Ray Milton se levantou com o visível intuito de escapular pela porta dos fundos do salão.

Foi visto por um dos pistoleiros dos Bradford que, não avaliando a estupidez de seu gesto, sacou para alvejá-lo.

Ben Lassing interpretou mal esse movimento e lhe meteu uma bala entre os olhos.

Como um só homem, os cidadãos de Ring Valley se levantaram, empunhando as suas armas.

Vai Deed fez ouvir o seu vozeirão:

— Quietos todos! Leo Bradford, tenha juízo e ordene aos seus homens que se mantenham calmos, ou transformaremos isto aqui num rio de sangue! É pra já!

Cada um dos pistoleiros dos Bradford já estava rodeado por vários cidadãos armados, dispostos a matar sem compaixão, porém caso houvesse uma ordem positiva de Leo eles aceitariam o combate. Era a sua profissão. . .

Ben Lassing também era pistoleiro e soube apreciar tal circunstância. Compreendeu que suas vidas úteis seriam sacrificadas no embate entre atiradores profissionais e homens trabalhadores enfurecidos.

De um salto colocou-se diante de Leo e Rob Bradford, à distância de alguns passos. Gritou:

— Atenção, seus coiotes! Ninguém mais morrerá, a não ser vocês dois! Desafivem os cinturões e se entreguem, ou aceitem o duelo a bala! Já!

O efeito psicológico foi sensacional a ponto de homens honrados e

pistoleiros se ombrearem pacificamente, dominados pela curiosidade.

Os Bradford se entregariam, ou aceitariam o combate? Caso aceitassem lutar, quem venceria?

Tanto Leo como Rob eram excelentes atiradores, porém Lassing havia feito espantosa exibição de maestria com as armas frente a um dos mais velozes pistoleiros de todo o Oeste.

Leo Bradford sentiu uma onda de fogo lhe queimar as entranhas. Uma névoa vermelha lhe empanou momentaneamente a visão. Tinha de matar aquele texano!

Era canhoto e sacou seu Colt com a rapidez do raio, imitado de perto por seu irmão Rob.

Ben. Lassing esperou durante as frações de segundo que considerou prudentes, como era seu hábito.

Permitiu, inclusive, que os Bradford apertassem uma vez os gatilhos de suas armas.

Esquivou-se às balas saltando de lado e, antes que seus pés tocassem de novo o assoalho, apertou os gatilhos.

Atirou para matar, porque não havia outra alternativa com os Bradford.

O espanto de seus comandados ocorreu depois, quando puderam constatar que seus disparos foram, certos, aos corações de Leo e Rob Bradford.

Foi a primeira vez, durante uma vida inteira, em que Rob se antecedeu a Leo: caiu primeiro. Mas isso por ser mais fraco. E formaram um monte no chão, com ele por baixo.

Por momentos o salão da Prefeitura, improvisado em recinto do tribunal, apresentou o aspecto de um museu de cera, porque todos os presentes ficaram



estáticos, de uma palidez seráfica, silenciosos, de olhar parado, fixo nos cadáveres do pistoleiro gigante Mat Dorse e dos irmãos Bradford.

Para os habitantes de Ring Valley aquele desfecho imprevisível constituiu um tremendo abalo emocional por significar o repentino desaparecimento de uma triana que mantivera o território por dois anos sob forte tensão.

Cada qual dava asas à imaginação, visualizando mentalmente verdadeiro mar de rosas, a transformação do povoado em comunidade quase utópica na qual todos trabalhavam movidos exclusivamente pela satisfação de trabalhar, com empregados e patrões irmanados no espírito comunitário.

Evidentemente, em tal paraíso terrestre imaginário, os pastos seriam eternamente verdejantes, a temperatura sempre amena, as chuvas

providencialmente brandas, as reses muito gordas e boas leiteiras, o xerife verdadeiramente legendário e o juiz. . .

O juiz!

Quem se lembrou primeiro do juiz Ray Milton foi Paddy Lar e, ato contínuo, virou-se para o tablado. Por cima da mesa viu apenas a cabeça calva de Milton, que escorregara progressivamente na cadeira até permanecer sentado sobre os rins, tal o seu pavor diante da atuação demolidora do cavaleiro negro.

Insatisfeita a sua sede de vingança pelo fato de Ben Lassing ter resolvido para todos, num passe de mágica, o problema que os afligia, Paddy Lar extravasou sua ira berrando:

— Ainda falta um canalha financiado pelos Bradford!

Estendeu o indicador acusadoramente, fazendo Milton afundar ainda mais atrás da mesa.

— Eéééé! — urraram todos, em uníssonos, visivelmente dispostos a massacrar, ali mesmo, o emissário do governador do Estado.

Para espanto geral, Ben Lassing saltou com agilidade felina, colocando-se ligeiro entre o tablado e o povo de Ring Valley, já com os Colts 45 nas mãos.

— Quietos! — gritou. — Não permitirei o linchamento de um representante da Justiça, por mais canalha que seja!

Um "Ooooh...!" geral ecoou no salão da Prefeitura. Apenas isso, porque ninguém era suficientemente louco para discordar frontalmente do cavaleiro negro.

Ben Lassing moveu o olhar pela massa de vingadores, eletrizando-os com o seu magnetismo pessoal.

Argumentou:

— Concordei em dirigi-los neste levante contra a tirania dos Bradford e arrisquei a vida para garantir os direitos da gente honrada deste vale, mas saibam que terão em mim o pior inimigo caso se aproveitem da situação para cometer barbaridades.

Silêncio tenso.

— Se conseguiram reagir para reconquistar a situação de paz e harmonia perdida com a chegada dos irmãos Bradford, não podem incorrer nos mesmos erros desses aventureiros começando vida nova sob o império da injustiça e da covardia.

Sim, porque linchamento é covardia que sempre me descontrolou e. . . — fez ligeira pausa carregada de ameaça — seria terrível para vocês se eu me descontrolasse por causa de um linchamento.

Houve uma sensação generalizada de frustração. O herói em que todos

havam confiado para derrubar Oi senhores do vale se transformara numa espécie de senhor inflexível que impunha suas decisões com as armas nas mãos.

— Lassing, não quero discordar de você, mas acho que esse canalha deve ser castigado para escarmento de outros que se ocultam atrás da magistratura para ditar sentenças compradas — falou o oráculo Bart Fare, dando alguns passos a fim de situar-se diante do pistoleiro. — Todos sabemos que o governador é um carreirista com a idéia fixa de se reeleger e só pode ter escolhido Ray Milton por ser tão venal e ambicioso quanto ele. Não punirá Milton se o deixarmos voltar para a Capital do Estado.

— A consciência do governador só a ele pode martirizar, Bart Fare — rebateu suavemente Lassing, sem

baixar os Colts. — Porém se lincharem esse homem serão eternamente atormentados por suas consciências. Acha que poderão viver com alegria depois de cometer um desmando igual aos que condenavam nos irmãos Bradford?

— Não — sussurrou, de cabeça baixa, o oráculo de Ring Valley. — Você está certo: ninguém pode construir sobre o mal. Porém acho que o devemos prender e levá-lo detido à presença do governador, exigindo um pronunciamento.

Os presentes se entreolharam, desconcertados. A intervenção do oráculo levara-os a ter por certo o linchamento de Ray Milton. Aferraram-se emocionalmente à satisfação de prender e conduzir o juiz venal à presença do governador do Estado, imaginando-se, cada qual, investido na qualidade de guardião do preso. Mas

até isso lhes foi roubado por seu salvador:

— Sua bondade natural não lhe permite ver as coisas com realismo, Bart Fare — prosseguiu Ben Lassing. — Tal desmoralização do emissário do governador seria um golpe arrasador em seu prestígio político que seu oponente saberia aproveitar para eliminá-lo definitivamente. Diante de tal perspectiva o governador não hesitará, creio, em mandar matar Ray Milton e seu guardião, lançando sobre os habitantes do vale a culpa do assassinato. Seria a sua palavra contra a de vocês, não sendo difícil prever qual sairia vitoriosa.

O oráculo moveu a cabeça afirmativamente, devagar.

— Então, que devemos fazer com esse homem?

— Deixá-lo partir — opinou Lassing, notando que todas as fisionomias se

contraíam. — Ao mesmo tempo enviaremos uma carta ao senador do Estado, firmada por você e outros, expondo a situação.

Houve murmúrios de aprovação. Lassing encontrara um meio inteligente de satisfazer à sede de vingança dos habitantes do vale.

— E quanto a esses assassinos desalmados? — indagou Vai Deed, indicando os pistoleiros dos Bradford. — Não me diga que também pretende mandá-los embora.

Desta vez o murmúrio foi ruidoso e vários cidadãos encostaram o cano de suas armas nas costelas dos pistoleiros, que ficaram tensos, dispostos a vender caro a sua pele.

— Calma! — urrou Ben Lassing, saltando para o lado a fim de ter o oráculo Fare afastado da possível linha de seus disparos. — Eu também sou



pistoleiro e vocês buscaram a minha ajuda.

O argumento esfriou os ânimos daquela gente inculta, incapaz de raciocinar ligeiro.

Lassing continuou:

— A única diferença entre eles e eu está na maneira de alugar as armas. Eu sempre aluguei as minhas para defender comerciantes e autoridades, eles alugam para defender patifes. No fundo, somos todos profissionais de matar.

Esses aspectos da questão enuviaram por completo as mentes daquela gente rude. Nenhum deles, nem mesmo o oráculo, que andara pelo Leste, encontrou um argumento contrário.

O cavaleiro negro sorriu. Uma vez mais vencera a batalha contra a ferocidade humana.

— Assim sendo — continuou —, creio que devemos deixá-los partir, desde que se comprometam a jamais pôr os pés neste vaie, sob pena de serem crivados de balas.

O sardento Ringo, que chefiava os pistoleiros dos Bradford, moveu suas pernas para se destacar de seu grupo, com o cuidado de conservar as mãos bem afastadas dos Colts.

— Por mim, vocês podem ficar tranqüilos — afirmou. — Não quero nem ouvir falar neste maldito lugar que só me deu prejuízo e me fez passar humilhações. Adeus. . .

Encaminhou-se para a saída, avançando por entre as duas alas formadas pelos habitantes do vale ali reunidos. Seus companheiros também se moveram, após erguerem a mão e afirmar:

— Eu também. . .

Caminharam tensos, atentos, muito devagar. Eram homens experimentados e sabiam que nunca se pode prever as reações humanas. Alguém poderia descontrolar-se, sacando e atirando aloucadamente.

Nada disso ocorreu e pouco depois todos haviam saído.

Houve demorado silêncio que Julia Dart aproveitou para se aproximar de Ben Lassing, segurando-lhe o braço.

— Podemos ir? — indagou.

Ele sorriu.

— Sim, Julie, já podemos ir. Acabou a tempestade.

— O diabo é que Ring Valley ficou sem autoridades — comentou o oráculo Bart Fare. — E povoado sem autoridade é um convite aos desalmados. Muitos aventureiros se bandearão para cá na esperança de...

— Um oráculo não pode dizer tolices, Bart Fare — interrompeu-o

Lassing. — Você foi tirado da Prefeitura sob a pressão dos Bradford. Foi um ato ilegal. Portanto, continua sendo o prefeito de Ring Valley. Na verdade, já está em seu escritório. Será uma questão de arrumar os móveis. . . E como prefeito estará autorizado a escrever ao senador do Estado pedindo a nomeação de um Juiz permanente e convocar eleições para xerife. O ferreiro Vai Deed ficaria bem com uma estrela no peito e teria a minha ajuda se as coisas ficassem pretas. Simpatizo com esse gigante.

Vai Deed se derreteu. Era a primeira vez que alguém lhe hipotecava simpatia, considerando-o apto para exercer um cargo de mando.

Bancou o modesto:

— Que idéia, Lassing! — baixou a cabeça, com ridícula humildade. — Eu já estava pensando em propor a sua escolha. . .

— Não, amigo Deed, muito obrigado. Miss Dart vai reaver suas terras usurpadas pelos Brad ford e necessitará de alguém para cuidar de seus interesses — sorriu para Julie.

— Ben Lassing! — exclamou a jovem, com falsa revolta. — Cheguei a pensar que estivesse de olho em mim, mas vejo que está de olho em minhas terras!

Essa maneira de pedir em casamento e aceitar o pedido motivou risos, dissipando os últimos resquícios da tensão nervosa. Os homens foram saindo, alguns a caminho do trabalho, outros do saloon para comemorar a vitória sobre a tirania dos Bradford. Lassing e Julia saíram de braços dados.

Todos saíram, menos Bart Fare, que se instalou atrás da mesa, no tablado, feliz da vida. Ele tinha cara de prefeito.

*Fim*

A seguir: Um gringo da cidade, quando se dispõe a ser pistoleiro pode ser capaz de grandes coisas. A prova é que... GRINGOS NÃO CONTAM. Não perca!